Dragões



40 ANOS EM REVISTA

Publicação oficial do FC Porto nasceu em abril de 1985



Furon







34

Dezassete dias depois de a DRAGÕES chegar às bancas, João Pinto ergueu o seu primeiro troféu de campeão. Quatro décadas depois aceitou o desafio de entrar na cápsula do tempo para nos falar de uma equipa insaciável.

FICHA TÉCNICA

Proprietário e editor
Futebol Clube do Porto
Estádio do Dragão,
Entrada Nascente, 3.º Piso
4350-415 Porto

NIPC
501122834

Administrador
Tiago Madureira

Diretor
Alberto Barbosa

Corpo redatorial
Bruno Leite
Manuel T. Pérez
Maria Leonor Coelho
Pedro Diniz
Sérgio Velhote

Redação
Dragão Arena
Via Futebol Clube do Porto
4350-450 Porto

Multimédia
Fábio Silva
Hugo Matos
Tiago Lopes

Design Gráfico
Diogo Oliveira

Fotografia
Arquivo do FC Porto
Adoptarfama

Impressão
Etiquel
Rua da Argila, 407
4445-416 Alfena

Publicidade
PortoComercial
Estádio do Dragão,
Entrada Nascente, Piso 3
4350-415 Porto
Telefone: 225 083 300

Assistente de Redação
Eduardo Silva

Assinaturas
PortoComercial
Linha Dragão
(707 28 1893)

Loja do Associado
do Estádio do Dragão
E-mail: revista.dragoes@fcporto.pt

Tiragem
1000 exemplares

N.º Registo ERC
110847

N.º Depósito Legal
41977

Estatuto editorial em
www.fcporto.pt/pt/corporate/media

Um ano ao serviço do FC Porto

Decorrido um ano sobre o maior afluxo associativo a um ato eleitoral do FC Porto, é imperativo proceder a uma reflexão sobre o que foi alcançado até ao momento.

É imprescindível ter em consideração que vivemos um presente que deixa uma marca indelével na forma como olhamos para o que foi construído neste primeiro ano de mandato e como deveremos encarar o futuro.

Os factos são violentos, sobretudo os relacionados com uma época desportiva que ficou aquém das expectativas. A equipa profissional de futebol do Futebol Clube do Porto ocupa presentemente a terceira posição na classificação do campeonato nacional, encontrando-se afastada de qualquer outra competição desportiva. O seu objetivo imediato é terminar o campeonato honrando, com brio, os valores do Clube e participar com sucesso no novo Campeonato do Mundo de Clubes, de forma a concluir esta época desportiva com a maior dignidade e respeito aos nossos sócios e adeptos.

Cabe-me assumir as responsabilidades pelas falhas e garantir a construção de um futuro melhor, com ativos fortalecidos, gerando mais-valias que nos permitam alcançar os títulos que tanto desejamos e ansiamos. Desta forma, poderemos retribuir a confiança em mim e na minha direção depositada por todos.

Somos o FC Porto. Um clube com valores bem definidos, que se impõe elevados padrões de exigência e apenas ambiciona o sucesso. A marca das nossas gentes e o seu apego às vitórias são o nosso maior trunfo. Mas quando a derrota teima em aparecer, resistem aqueles que acreditam no trabalho e na competência e que não se esquivam à luta. É neste ponto que nos inserimos, com a responsabilidade de restaurar o sorriso e a alegria de todos os portistas. É o meu maior anseio. Por conseguinte, trabalho incansavelmente, com equipas que motivo permanentemente, para o poder devolver a todos vós.

Após a devida contextualização, atemo-nos à reflexão sobre todos os demais aspetos. O FC Porto é agora um Clube com uma situação financeira mais sólida, que cumpriu todos os controlos trimestrais da UEFA e que, apesar da ausência de receitas da Liga dos Campeões, obteve resultados positivos, graças a um enorme esforço. Um clube que honra os seus compromissos, que reduziu o seu passivo e amortizou dívidas estratégicas, como a dos seus direitos televisivos. Desta forma, está alicerçado um futuro de sustentabilidade, adotando uma filosofia e uma atuação de gestão sem paralelo nos clubes portugueses.

O Clube tem vindo a demonstrar um envolvimento social cada vez mais acentuado, o que se traduziu no lançamento da Fundação FC Porto, com o objetivo de proporcionar, no futuro, maior apoio aos mais vulneráveis. Ademais, a instituição expandiu o seu leque de atividades, reforçando o seu ecletismo com o lançamento das equipas de futebol feminino e de futsal, tendo registado um aumento de 14% no número de sócios em menos de um ano. Este desenvolvimento fortalece significativamente a ligação à sua massa adepta.

O Clube está a investir no desenvolvimento das suas infraestruturas, com a requalificação do Estádio do Dragão em curso, com projetos de novos pavilhões e o desenvolvimento do tão necessário para o nosso crescimento Centro de Alto Rendimento, cuja aprovação foi recentemente obtida.

O Clube foi reestruturado, tendo evoluído para um novo estatuto societário e empresarial. A aposta na transformação digital foi uma das prioridades, tendo sido lançado o Portal da Transparência e criado o Portal do Sócio. Estes foram alguns dos elementos que permitiram estabelecer novas bases de modernização e profissionalismo.

Adquiriu uma mais pujante presença e dimensão internacional, com a marca FC Porto a expandir-se em países como a Colômbia, os Estados Unidos da América e o Brasil. O Clube estabeleceu um objetivo ambicioso: abrir 100 escolas em todo o mundo até 2032. Vamos cumprir.

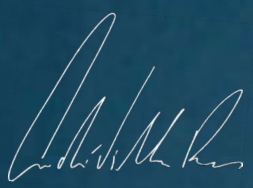
Fortaleceu a sua posição comercial, consolidando e reforçando os seus principais acordos de patrocínio com o Super Bock Group, a Betano, a New Balance e outros parceiros, demonstrando a sua capacidade inovadora. Nesse sentido, é essencial destacar uma operação de impacto internacional, através da emissão dos Dragon Notes, demonstrando que a reputação do FC Porto junto das maiores instituições financeiras internacionais está recuperada.

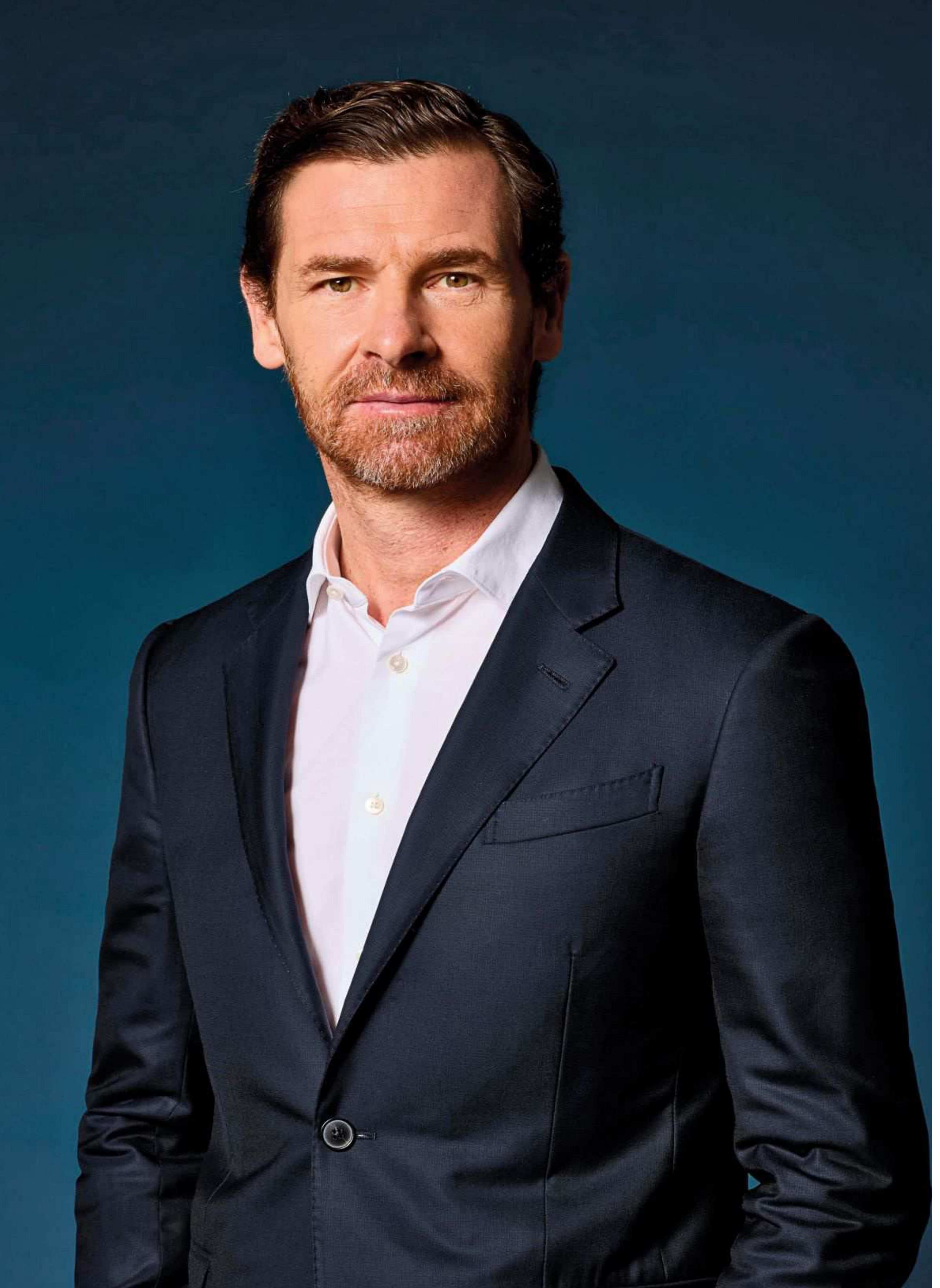
O Clube submeteu-se a uma auditoria forense, que lhe permitiu identificar e ganhar a legitimidade merecida para responsabilizar os culpados pelos danos sofridos. Esta ação judicial visa garantir a reparação integral dos danos causados pelos poderes ilegítimos que se propagaram no nosso seio.

A construção de um futuro credível, equilibrado, sustentável e de respeito por todos, sobretudo pelos sócios, que são os proprietários legítimos do clube, só é passível de ser realizada através desta forma de atuar empenhada, mas transparente e identificada com os valores da nossa fundação e História.

Este é o momento de expressar o meu sincero agradecimento a todos aqueles que me têm acompanhado neste desafio tão exigente. Gostaria de expressar a minha mais sincera gratidão aos Órgãos Sociais do Clube e da SAD, à Mesa da Assembleia Geral e ao seu Presidente, à Direção, ao Conselho Fiscal e Disciplinar, ao Conselho de Administração, bem como ao Conselho Superior do Clube e da SAD, pelo empenho, dedicação e sentido de missão que têm demonstrado. É graças à vossa competência, responsabilidade e paixão pelo FC Porto que estamos a construir um caminho sólido e a preparar um futuro ainda mais promissor para todos os Portistas.

O FC Porto já não volta para trás e vai continuar a afirmar-se como aquilo que é: um fiel representante de um povo, das suas gentes. Passou apenas um ano, seguem-se tantos outros de azul e branco ao peito e com mais taças na mão. Unidos, a vencer.






A única pressão
que sente um dragão
SUPER BOCK
SUPER BOCK
Sê responsável. Bebe com moderação. 5,2% álcool 18


O REFORÇO
QUE ESTAVAS
A PEDIR.
APPLE
SOMERSBY
SOMERSBY
APPLE
Sparkling Cider
ALC 4.5% VOL
Sê responsável. Bebe com moderação.
4,5% Álcool 18
É FRUTO DA TUA IMAGINAÇÃO
SOMERSBY

1000

folhas de serviço

Quando, em abril de 1985, a DRAGÕES nasceu, o Everton já era praticamente campeão em Inglaterra, o Hellas Verona preparava-se para ganhar pela primeira vez em Itália, Portugal caminhava para uma década de cavaquismo e o longo período de tensão geopolítica entre a União Soviética e os Estados Unidos, que ficou conhecido por Guerra Fria, aproximava-se do fim. Mal chegou às bancas, a revista testemunhou o primeiro de três títulos de Artur Jorge e poucos meses depois a segunda coroação de Fernando Gomes como melhor marcador das ligas europeias. Hoje, aos 40 anos, que completa neste número, a publicação sonhada por Jorge Nuno Pinto da Costa já contou a história e as estórias de 68 troféus que revisitamos adiante, numa fabulosa viagem no tempo.

TEXTO de **ALBERTO BARBOSA**





LIGA PORTUGAL

12 DE MAIO DE 1985. Em época de estreia de Artur Jorge e de contratações como as de Futre e André, o FC Porto conquistava o primeiro título de campeão nacional sob a presidência de Jorge Nuno Pinto da Costa. Os azuis e brancos agarraram-se ao primeiro lugar à sétima jornada e encerraram a questão à 27.ª com uma goleada sobre o Belenenses (5-1) que deixava o Sporting a sete pontos de distância a três jornadas do fim e nos tempos em que a vitória valia apenas dois pontos. Fernando Gomes, autor de um hat-trick no jogo decisivo, marcou 39 golos na Liga e ganhou a segunda Bota de Ouro da carreira.



SUPERTAÇA

30 DE MAIO DE 1985. A Supertaça de 1984, que deveria abrir a temporada e chegou a andar meio perdida no calendário, só produziu vencedor depois de dois meses e quatro jogos. Disputou-se apenas na primavera do ano seguinte e não dispensou o recurso a uma finalíssima, depois de o Benfica ganhar na Luz e de o FC Porto retribuir na mesma moeda nas Antas: 1-0 para cada lado. Mas na decisão, na finalíssima, só deu azul e branco, no Porto e em Lisboa. Em casa, Vermelhinho e Gomes, que bisou, fizeram o resultado (3-0) e na segunda mão, de novo na Luz, só Futre marcou.

LIGA PORTUGAL

20 DE ABRIL DE 1986. Num arranque perfeito, o FC Porto venceu o Benfica à primeira jornada, mas o percurso irregular que se seguiu não deixou que a questão do título ficasse fechada antes da última ronda, precisamente no jogo da vida de Gomes. Uma semana antes, Futre tinha resolvido em Setúbal e os Dragões subiam ao primeiro lugar com a vitória do Sporting na Luz. Um outro Sporting, o da Covilhã, faria tremer as Antas no encontro decisivo. Chegou a estar em vantagem (2-1), mas Fernando Gomes acabaria por virar o resultado em apenas três minutos, antes de Elói acabar com as dúvidas: 4-2 final e título para o FC Porto, que nem precisava do resultado, porque o Benfica acabaria por perder no Bessa.

SUPERTAÇA

26 DE NOVEMBRO DE 1986. A primeira mão, jogada nas Antas, não começou propriamente bem: Rui Pedro colocou o Benfica em vantagem logo aos dois minutos e o FC Porto não conseguiu melhor do que evitar a derrota com um golo de Gomes, ainda na primeira parte. O melhor estava para vir uma semana depois, já na Luz, onde Futre bisou e Madjer e Gomes trataram do resto. Afinal, quem podia resistir àquele tridente ofensivo? O FC Porto venceu por 4-2 e voltou a erguer a Supertaça.



TAÇA DOS CAMPEÕES

27 DE MAIO DE 1987. O intervalo chegou ao Prater com o Bayern Munique em vantagem, mas dois minutos foi tempo de sobra para o FC Porto virar o resultado: através do calcanhar imortal de Madjer, no mais ousado golo alguma vez marcado numa final europeia, e da velocidade de execução de Juary, que completou a reviravolta. O FC Porto de Artur Jorge, campeão europeu em Viena, encontrava-se com o destino, com a vocação para êxitos extraordinários. E estava só no começo.





As equipas do FC Porto e do Bayern Munique perfiladas antes do apito inicial no Estádio do Prater, em Viena, mais tarde rebatizado com o nome de Ernst Happel, o treinador austríaco que venceu a Taça dos Campeões Europeus com o Feyenoord e com o Hamburgo.



SUPERTAÇA EUROPEIA

13 DE JANEIRO DE 1988. O FC Porto voltava a vencer o Ajax, desta vez no Estádio das Antas, e tornava-se a primeira equipa de toda a história do futebol europeu a completar o triplete de troféus internacionais, juntando a Supertaça Europeia à Taça dos Campeões Europeus e à Taça Intercontinental na ponta final de um percurso de oito meses. No Porto, no jogo da segunda mão, Sousa fez o resultado (1-0) com um remate à entrada da área, reeditando a vitória de Amesterdão, onde, 50 dias antes, Rui Barros fez o único golo da primeira mão em dia de aniversário.



TAÇA INTERCONTINENTAL

13 DE DEZEMBRO DE 1987. Frente aos uruguaios do Peñarol, num jogo que também ficou para a história pelo surpreendente manto de neve que cobriu o relvado do Estádio Nacional de Tóquio e pelas condições sobre-humanas em que a final se disputou, o FC Porto ergueu a primeira de duas Taças Intercontinentais. E só depois do prolongamento, período em que Madjer desfez o empate e voltou a dar vantagem aos Dragões, que se tinham adiantado no marcador, pouco antes do intervalo, por intermédio de Gomes.

LIGA PORTUGAL

15 DE MAIO DE 1988. Líder desde a terceira jornada, o FC Porto confirmava a conquista do décimo título de campeão nacional à 34.ª de 38 rondas com uma goleada sobre o Rio Ave (5-0) no Estádio das Antas. Herdeiro do plantel campeão europeu, Tomislav Ivić deixou a 15 pontos de distância o Benfica, adversário que os Dragões venceriam por 3-0 no último dia de competição. Ivić, que já tinha sido campeão na Jugoslávia, em França, na Holanda e na Bélgica, estava ainda a um mês de juntar a Taça de Portugal ao Campeonato, à Taça Intercontinental e à Supertaça Europeia.

TAÇA DE PORTUGAL

16 DE JUNHO DE 1988. Campeão nacional, campeão mundial e vencedor da Supertaça Europeia, o FC Porto somou o quarto troféu da época no Jamor, onde venceu o Vitória de Guimarães, com Jaime Magalhães a marcar o único golo da final que garantiu aos Dragões a sexta Taça de Portugal. Ao longo do percurso em que afastou, entre outros, Boavista e Benfica, foi o guarda-redes Józef Młynarczyk quem desempenhou o papel de herói improvável no Bessa, onde transformou o quinto penálti dos azuis e brancos antes de defender o quinto dos axadrezados e apurar a equipa para as meias-finais depois de mais de quatro horas de futebol na soma das duas mãos.





LIGA PORTUGAL

6 DE MAIO DE 1990. Em época de alterações profundas no plantel e de arranque intermitente na Liga, o FC Porto isolou-se na frente da prova à nona jornada, com uma vitória sobre o Feirense, e confirmou a conquista do título à antepenúltima, depois de Jorge Couto ter feito o único golo na receção ao Vitória de Setúbal que deixou o Benfica a uma distância de segurança de quatro pontos – a mesma que se registaria no final, na consagração de Artur Jorge, que atingia o tricampeonato, embora em duas passagens pelas Antas.



SUPERTAÇA

14 DE AGOSTO DE 1990. Uma semana depois da derrota na Amadora, onde perdeu com o Estrela por 2-1, o FC Porto deu a volta ao resultado nas Antas para erguer a Supertaça pela quinta vez. O francês Stéphane Paille marcou logo aos oito minutos, mas os golos da tranquilidade só chegaram depois dos 80: primeiro por Semedo e depois por Jorge Couto, que tinha substituído Madjer pouco antes de confirmar a conquista do troféu, mais um para o soberbo currículo de Artur Jorge.

TAÇA DE PORTUGAL

2 DE JUNHO DE 1991. No regresso ao Jamor três anos depois, o FC Porto vencia o Beira-Mar e a Taça com Domingos a colocar os azuis e brancos em vantagem logo aos cinco minutos e a fazer o quinto golo da conta pessoal no longo percurso das Antas a Oeiras. O problema é que o egípcio Abdelghani empatou, ainda na primeira parte, e impôs o prolongamento, período em que Kostadinov e Jaime Magalhães resolveram a questão em apenas cinco minutos.

LIGA PORTUGAL

25 DE ABRIL DE 1992. A chegada de Carlos Alberto Silva trouxe de novo a vitória na Liga. Depois de um ombro a ombro com o Benfica, o FC Porto subiu à liderança à 16.ª jornada, ampliando distâncias no último terço da prova, fase em que os Dragões foram à Luz vencer com golos de João Pinto, Kostadinov e Timofte (3-2). O título foi garantido na 31.ª de 34 jornadas, no Bessa, onde Kostadinov fez o único golo do jogo com o Salgueiros. O FC Porto terminou o campeonato com o segundo classificado a dez pontos e Vítor Baía esteve 1191 minutos sem sofrer golos.



SUPERTAÇA

9 DE SETEMBRO DE 1992. A edição de 1991 da Supertaça foi uma espécie de parto demorado e doloroso. Arrancou em dezembro de 1991 e só terminou em setembro do ano seguinte. Tudo começou com um uma derrota na Luz (2-1), resultado que Timofte retificou nas Antas (1-0), quando os golos apontados fora ainda não serviam de sistema de desempate. A finalíssima jogou-se oito meses depois, em Coimbra, com Isaías a colocar o Benfica em vantagem e João Pinto a repor a igualdade a seis minutos do fim. Seguiu-se o prolongamento e os penáltis, que tiveram os "encarnados" bem na frente (3-0), antes de Vítor Baía defender os dois últimos remates e de Paulinho César fechar a série a favor dos Dragões (4-3).



LIGA PORTUGAL

30 DE MAIO DE 1993. Depois de 21 jornadas na frente, cedendo mais tarde o comando de forma provisória, o FC Porto foi campeão à penúltima ronda, em Aveiro, onde duas semanas antes o Benfica tinha perdido o primeiro lugar. Um golo de Timofte fez então toda a diferença: fez o resultado do jogo com o Beira-Mar, fez a festa do título (o segundo consecutivo de Carlos Alberto Silva) e fez do encontro da última jornada, com o Marítimo, um mero exercício de consagração validado com mais uma vitória nas Antas.



TAÇA DE PORTUGAL

10 DE JUNHO DE 1994. Uma final não bastou para atribuir o troféu. Depois de 120 minutos de futebol sem golos foi preciso uma finalíssima, jogada cinco dias depois, de novo no Jamor e de novo com prolongamento, porque ao golo de Rui Jorge, que colocou o FC Porto em vantagem, Vujačić respondeu com o do empate para o Sporting. A questão só ficou arrumada quando Aloísio transformou um penálti ao primeiro minuto de prolongamento. Bobby Robson ganhava ao clube que o tinha despedido meses antes e João Pinto usava a Taça como escudo para os objetos arremessados pelos adeptos sportinguistas numa manifestação de mau perder nunca vista.

SUPERTAÇA

17 DE AGOSTO DE 1994. Outra vez FC Porto e Benfica no jogo da decisão e desta vez com uma grande coincidência: no primeiro jogo, na Luz, Rui Águas fez o resultado para o Benfica aos 84 minutos; nas Antas, Vinha mandou toda a gente para finalíssima aos 84 minutos... Mais de um ano depois, em agosto de 1994 e em Coimbra, já com Bobby Robson no lugar de Tomislav Ivić, Domingos colocou os azuis e brancos em vantagem, mas Tavares empatou a um minuto dos 90. E se Secretário repôs a diferença no prolongamento, César Brito adiou a decisão para os penáltis a dois minutos dos 120, já com os Dragões reduzidos a nove unidades. Preud'homme e Vítor Baía defenderam um penálti cada, mas o FC Porto foi mais preciso no remate e venceu por 4-3.



LIGA PORTUGAL

7 DE MAIO DE 1995. O 14.º título de campeão nacional – o primeiro de uma série de cinco consecutivos – foi comemorado num misto de dor e alegria, porque Rui Filipe, o autor do primeiro golo do FC Porto no ciclo do penta, perderia a vida num acidente de viação na véspera de um jogo em Aveiro. À 11.ª jornada, com uma vitória sobre o Farense, os Dragões assumiram definitivamente a liderança do campeonato e fizeram a festa em Alvalade, de onde Bobby Robson tinha sido despedido um ano antes, com um golo de Domingos e ainda com mais três jornadas para disputar.

LIGA PORTUGAL

14 DE ABRIL DE 1996. Quando a vitória passou a valer três pontos, o FC Porto somou 84 e deixou o Benfica a 11. Com Robson doente e Inácio no banco, os azuis e brancos isolaram-se à sexta jornada, depois de uma vitória sobre o Boavista, e confirmaram o título à 30.ª, já com o treinador inglês, regressado a tempo da vitória sobre o Benfica (3-0). Horas depois do triunfo sobre o Salgueiros nas Antas, com golos de Domingos e Emerson, o empate do Benfica em Campo Maior confirmava a conquista do título. Domingos terminou a Liga com 25 golos, marca que fez dele o melhor goleador da prova em que Vítor Baía permaneceu imbatível ao longo de 1.044 minutos.



SUPERTAÇA

20 DE JUNHO DE 1995. A Supertaça pulou fronteiras, começou em Lisboa, passou pelo Porto e acabou em Paris, no Parque dos Príncipes, onde se disputou a finalíssima, porque o jogo da Luz (1-1), onde Rui Filipe colocou o FC Porto na frente, e o das Antas (0-0), onde Yuran não esteve particularmente feliz, terminaram empatados. Em França, dez meses depois da primeira de duas mãos e com Artur Jorge no banco do Benfica, foi Domingos quem decidiu pouco depois do recomeço, fazendo o único golo do encontro.





LIGA PORTUGAL

17 DE MAIO DE 1997. O tricampeonato, o primeiro da história azul e branca, chegou em época de estreia de António Oliveira e já sem Vítor Baía na baliza, que saiu para o Barcelona na companhia de Bobby Robson. Em sentindo inverso, às Antas chegavam Zahovič, Sérgio Conceição e Jardel, que fez 30 golos na Liga logo na temporada de estreia. Com uma goleada (5-0) sobre o Sporting de Espinho, o FC Porto subiu à liderança à oitava jornada e fechou as contas à 31.ª, com mais uma vitória esmagadora, desta vez por 4-0 e em Guimarães. O Sporting terminou a 13 pontos de distância.

SUPERTAÇA

18 DE SETEMBRO DE 1996. A vitória pela margem mínima nas Antas, onde só Domingos marcou, pressupunha uma discussão intensa, mas, chegado à Luz, para o jogo da segunda mão, o FC Porto de António Oliveira dizimou o adversário com uma das mais excitantes exibições da história azul e branca e uma goleada rara, mas não irrepetível, como o tempo viria a demonstrar. Artur, Edmilson, Jorge Costa, Wetl e Drulovic fizeram o resultado (5-0) numa noite de vários momentos espetaculares e de uma superioridade esmagadora.

LIGA PORTUGAL

26 DE ABRIL DE 1998. O tetra "rebentou" em abril, à 31.ª jornada, mas, com Jardel a marcar muito e a equipa a jogar tanto, bem que poderia ter chegado mais cedo. O FC Porto já era líder à segunda ronda, sofreu a primeira derrota à 19.ª, em Belém, e fez a festa em casa, num dérbi com o Boavista, um dia depois de o Benfica ter empatado na Póvoa com o Varzim. Nas Antas, Sérgio Conceição, Paulinho Santos e Zahovič fizeram os golos da vitória e da festa, que Martelinho e Timofte não souberam nem puderam estragar. O Benfica foi segundo, a nove pontos de diferença.

TAÇA DE PORTUGAL

24 DE MAIO DE 1998. A história da nona Taça de Portugal conquistada pelo FC Porto ficaria incompleta sem uma referência aos sete golos apontados por Jardel no jogo dos 16 avos de final, frente ao Juventude de Évora, e outra ao surpreendente pontapé de bicicleta com que Artur fechou as contas no Jamor. A vitória por 3-1 sobre o Sporting de Braga fez ainda de António Oliveira o primeiro treinador português a conseguir a dobradinha para os azuis e brancos.

SUPERTAÇA

9 DE SETEMBRO DE 1998. Para erguer a Supertaça pela décima vez o FC Porto teve que derrubar o Sporting de Braga e a tarefa não foi propriamente fácil, porque o golo das Antas, da autoria de Zahovič, foi escasso para tanto domínio e porque no jogo da segunda mão, no Estádio 1.º de Maio, os Dragões chegaram a passar um mau bocado suavizado por um golo de Capucho. O problema é que Formoso empatou pouco depois e, a um minuto do final, o encontro tinha Elpídio Silva na marca de penálti, que Ivica Kralj defendeu, segurando o empate e o troféu.





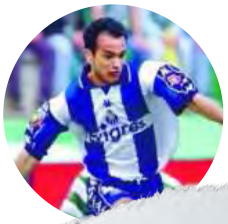
LIGA PORTUGAL

22 DE MAIO DE 1999. Líder isolado desde a 13.ª jornada, o FC Porto fez, à 33.ª, aquilo que nunca tinha sido feito. Com Vítor Baía de regresso em janeiro e com Jardel a fazer 36 golos na Liga, marca que lhe valeu a primeira Bota de Ouro da carreira, os Dragões somaram o quinto título consecutivo de campeão nacional e fizeram de Fernando Santos, treinador em época de estreia nas Antas, o eterno "engenheiro do penta". Depois do empate do Boavista em Faro, os jogadores do FC Porto apresentaram-se para o jogo em Alvalade com as mãos bem abertas, mostrando os cinco dedos às bancadas.



SUPERTAÇA

15 DE AGOSTO DE 1999. Dois jogos, duas vitórias e mais um troféu. Em Aveiro, Fary chegou a pôr o Beira-Mar em vantagem, mas pouco depois de a bola voltar ao círculo central Domingos já estava a fazer o empate, desfeito apenas por Esquerdinha. Nas Antas, a segunda mão foi de confirmação: Jardel, que nunca tinha marcado na Supertaça, bisou e Lobão marcou na própria baliza; foi demais para o penálti com que Óscar tinha batido Baía: 5-2 no conjunto das duas mãos.



TAÇA DE PORTUGAL

25 DE MAIO DE 2000. Final e finalíssima. Como a primeira terminou com um empate, depois dos golos de Jardel e Pedro Barbosa, FC Porto e Sporting regressaram ao Jamor quatro dias depois para Clayton e Deco decidirem a atribuição do troféu com dois grandes golos. A vitória (2-0), que valeu ao FC Porto a décima de 18 Taças de Portugal, foi também o último jogo da carreira de Rui Barros, mas a dedicatória do presidente foi extensível a Paulinho Santos, que não jogou a finalíssima depois de ter sido barbaramente agredido por Beto Acosta no jogo da final.

TAÇA DE PORTUGAL

10 DE JUNHO DE 2001. Decorrido apenas um ano sobre a conquista mais recente e lá estava o FC Porto novamente no Jamor, desta vez na ponta final de um percurso em que deixou para trás Benfica e Sporting, eliminatórias em que Alenichev e Capucho assumiram papéis decisivos marcando a dobrar. Frente ao Marítimo, no jogo decisivo, Pena e o inevitável Alenichev fizeram o resultado (2-0) que deu ao treinador Fernando Santos o último título conquistado



SUPERTAÇA

4 DE AGOSTO DE 2001. No Estádio dos Arcos, em Vila do Conde, o FC Porto estreou o sistema de disputa da Supertaça num único jogo e fê-lo a ganhar ao Boavista, o adversário que nunca tinha conseguido derrotar na prova. Na sequência de um pontapé de canto cobrado por Deco, o central Jorge Andrade fez o único golo do encontro aos 22 minutos e quebrou a maldição. À quarta final com os axadrezados, os azuis e brancos ergueram finalmente o troféu, o único que Octávio Machado conquistou na qualidade de treinador dos Dragões.





LIGA PORTUGAL

4 DE MAIO DE 2003. Quando foi apresentado, a meio da época anterior, José Mourinho tinha garantido que o FC Porto seria campeão em 2002/03, pouco importando as condições "normais" ou "anormais" em que a Liga se disputasse. Porque aquele que viria a ser conhecido como "Special One" não se ficou pelas palavras, os azuis e brancos assumiram a liderança à quinta jornada, foram vencer o Benfica com um golo de Deco na última vez que jogaram no velho Estádio da Luz, já em março, e confirmaram a conquista do título com uma goleada sobre o Santa Clara (5-0) nas Antas, um dia depois de os lisboetas terem perdido o dérbi com o Sporting no Jamor, que servia de casa aos encarnados.

TAÇA UEFA

21 DE MAIO DE 2003. Derlei, Alenichev e outra vez Derlei. O FC Porto marcou sempre primeiro, mas Larsson foi mantendo o Celtic ligado à corrente e à final, respondendo quase de imediato aos dois primeiros golos no Olímpico de Sevilha, onde Deco e companhia não conseguiram evitar o prolongamento, mesmo jogando mais e melhor, e repetindo mais uma exibição soberba, condição que caracterizou todo o percurso na prova. A vitória e o troféu só chegaram aos 115 minutos, com o segundo golo do "Ninja" e ainda sob um calor sufocante.

TAÇA DE PORTUGAL

15 DE JUNHO DE 2003. O terceiro troféu da época chegou no regresso ao Jamor, no fim de uma caminhada imaculada que incluiu uma goleada por números pouco usuais ao Varzim (7-0). Na final, frente à União de Leiria de Helton e Maciel, foi Derlei quem decidiu, mesmo depois de ter sido operado ao maxilar dias antes. E foi também por isso que, no final, José Mourinho reconheceu que "ninguém mais do que ele merecia ser o marcador do golo da vitória". Mais um golo, mais um troféu.

SUPERTAÇA

10 DE AGOSTO DE 2003. Dois meses depois da final da Taça, FC Porto e União de Leiria reencontraram-se em Guimarães, então para a atribuição da Supertaça. O resultado foi o mesmo, ainda que com um equilíbrio mais evidente, e foi preciso Mourinho tirar Costinha do banco, no recomeço, para desbloquear o empate: oito minutos depois, Nuno Valente assistiu e o "Ministro" marcou.



LIGA PORTUGAL

24 DE ABRIL DE 2004. Conquistado entre as Antas e o novíssimo Estádio do Dragão, o título de campeão nacional começou por ser festejado no hotel, à passagem da 32.ª jornada, quando o Sporting perdeu em Leiria. Em estágio para receber o Alverca, os jogadores vieram à janela para celebrar com os adeptos e, horas mais tarde, venceriam o jogo com um golo de Bosingwa na consagração de uma equipa que foi líder desde a quinta jornada, depois de uma vitória sobre o Benfica (2-0). McCarthy foi o melhor marcador da Liga, com 20 golos e o requinte de fechar a contagem com um "hat-trick" e um pontapé de bicicleta.


O COPO, O GELO, O LIMÃO
SIMPLESMENTE PERFEITA
SEM AÇÚCAR
SEM CALORIAS
Coca-Cola
Coca-Cola
TASTE THE FEELING


AGORA É O
FC PORTO
Betano
Betano
Betano
10€ GRÁTIS NO REGISTO
CÓDIGO: FCP10
F C P
Betano
MAIN SPONSOR
INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS. SEJA RESPONSÁVEL, JOGUE COM MODERAÇÃO.



LIGA DOS CAMPEÕES

26 DE MAIO DE 2004. Carlos Alberto abriu, Alenichev fechou e, lá pelo meio, Deco bailou e brilhou. Em Gelsenkirchen, o génio de três génios resolveu a final da Liga dos Campeões e fez do FC Porto o primeiro e único clube português a vencer a competição. Como o Bayern tinha caído 17 anos antes, em Viena, o Mónaco caía também na Alemanha, vergado ao peso de um resultado claro e indiscutível (3-0). A partir daquela noite, nenhuma outra equipa estranha às cinco principais ligas europeias voltou a vencer a competição.

SUPERTAÇA

20 DE AGOSTO DE 2004. A Supertaça voltou a Coimbra, onde Ricardo Quaresma arrumou a questão com um grande golo, a que o Benfica nunca soube reagir ou responder: 1-0 foi suficiente para o treinador Víctor Fernández conquistar o primeiro de dois títulos com o FC Porto, que tinha acabado de perder jogadores com a qualidade e a preponderância de Deco, Alenichev e Ricardo Carvalho.



TAÇA INTERCONTINENTAL

12 DE DEZEMBRO DE 2004. No regresso ao Japão, mas agora em Yokohama, o FC Porto voltava a ganhar a Taça Intercontinental e somava o segundo título de campeão mundial. Não houve neve, mas houve o "jet lag", o desmaio de Baía, o poste, a trave, dois golos anulados a McCarthy, uma longa série de 18 penáltis e aquele olhar de Pedro Emanuel, que fulminou Henao ainda antes de fazer o golo decisivo. Maniche foi o homem do jogo com o Once Caldas e os Dragões trouxeram para casa o troféu original da competição, que andou de mão em mão e agora só pode ser admirado num único ponto do planeta: o Museu FC Porto.



LIGA PORTUGAL

22 DE ABRIL DE 2006. Com um golo de Lucho González ao primeiro minuto do jogo de Barcelos, o FC Porto de Co Adriaanse assumiu a liderança à 12.ª jornada e confirmou a conquista de mais um título de campeão nacional à 32.ª, a meio de um ciclo de nove vitórias consecutivas em que foi a Alvalade vencer o Sporting com um golo de Jorginho. Duas semanas depois, em Penafiel, Adriano aniquilava todas as probabilidades matemáticas e acabava de vez com o sonho dos lisboetas, que terminaram a liga a uma margem de segurança de sete pontos.

TAÇA DE PORTUGAL

14 DE MAIO DE 2006. Depois do campeonato, a Taça, o segundo e último título de Co Adriaanse, garantido com um golo de Adriano ainda antes do intervalo da final disputada com o Vitória de Setúbal. E para lá chegar foi preciso sofrer, em especial no jogo das meias-finais, com o Sporting, que atingiu o prolongamento sem qualquer golo e atingiu o final do tempo extra depois de McCarthy ter reposto a igualdade respondendo à letra ao golo de Liedson, que chegou a dar vantagem aos lisboetas no Dragão. Nos penáltis, Vítor Baía defendeu o pontapé de João Moutinho, ainda leão, e Lisando López transformou o último remate na qualificação para o Jamor.



SUPERTAÇA

19 DE AGOSTO DE 2006. Com Co Adriaanse de saída e Jesualdo Ferreira a caminho, foi Rui Barros quem se sentou no banco para dirigir a equipa e conquistar um troféu ao primeiro jogo. Em Leiria, frente ao Vitória de Setúbal, o FC Porto dominou a final, fez o resultado com três grandes golos de Adriano, Anderson e Vieirinha, todos apontados na segunda parte, e ergueu a 15.ª Supertaça da coleção particular.

LIGA PORTUGAL

5 DE ABRIL DE 2008. Vinte pontos de vantagem dizem quase tudo sobre o domínio absoluto dos Dragões, que assumiram a liderança à quarta jornada e validaram o título ainda com cinco rondas por disputar, já depois de terem cruzado um ciclo de 14 jogos sem perder. À 25.ª jornada, no Dragão, o FC Porto goleou o Estrela da Amadora (6-0) e festejou a conquista do terceiro de quatro títulos consecutivos: marcaram Lucho González, Tarik Sektiou, Ricardo Quaresma, Bruno Alves, Lisandro López e Maurício, que o fez na baliza errada. Lisandro foi o melhor marcador da Liga, com 24 golos.



LIGA PORTUGAL

20 DE MAIO DE 2007. O primeiro de três títulos consecutivos de campeão nacional com Jesualdo Ferreira teve uma certa carga dramática que quase se pôde tocar na alta voltagem gerada pelo golo de Bruno Moraes ao minuto 92, que no Dragão deu a vitória sobre o Benfica, ou no ombro a ombro com o Sporting, que ao intervalo da última jornada dava o campeonato aos leões. Mas como as contas só se fazem no fim, o triunfo sobre o Desportivo das Aves (4-1), materializado na segunda parte, deixou os lisboetas a um ponto de distância.

TAÇA DE PORTUGAL

31 DE MAIO DE 2009. Vinte e um dias depois do tetra, o FC Porto completava a dobradinha e vencia a Taça de Portugal com um golo de Lisandro López a fazer toda a diferença. Depois de derrotado o Paços de Ferreira no Jamor, Jesualdo Ferreira tornava-se o terceiro treinador português dos Dragões a ganhar as duas mais importantes competições nacionais numa época, sucedendo a António Oliveira (1997/98) e a José Mourinho (2002/03) e precedendo André Villas-Boas (2010/11) e Sérgio Conceição (2019/20 e 2021/22).



LIGA PORTUGAL

10 DE MAIO DE 2009. O FC Porto foi tetra dez anos depois do penta. E os primeiros meses de competição nem foram propriamente simpáticos, ao ponto de os Dragões se terem agarrado à liderança apenas à 15.ª jornada, depois de uma vitória em Braga (2-0) com golos de Cristián Rodríguez e Lisandro López. A confirmação chegou três meses e meios depois, à antepenúltima ronda, com um cabeceamento de Bruno Alves, que hoje continua a ser o golo da vida dele. O FC Porto vencia o Nacional por 1-0, marcava o golo 200 no Estádio do Dragão, deixava o Sporting fora de combate, a seis pontos de distância, e fazia de Jesualdo Ferreira o único treinador português a ganhar três campeonatos consecutivos.


TOYOTA
MANICHE
QUARESMA
5

Depois de uma longa série de 18 penáltis em Yokohama, no Japão, o FC Porto vencia o Once Caldas e erguia a Taça Intercontinental pela segunda vez.





SUPERTAÇA

9 DE AGOSTO DE 2009. A única Supertaça conquistada por Jesualdo Ferreira foi também a primeira de uma série de cinco erguidas consecutivamente pelo FC Porto, com a curiosidade acrescida de todas elas terem sido ganhas em Aveiro. Frente ao Paços de Ferreira, Ernesto Farías e Bruno Alves fizeram o resultado (2-0) com dois golos apontados na segunda parte: primeiro marcou o argentino, a roubar a bola a Cássio e a rematar à meia-volta; depois o português, a subir onde mais ninguém subiu e a cabecear como quem chuta.

TAÇA DE PORTUGAL

16 DE MAIO DE 2010. Por trás de uma vitória mais ou menos tranquila sobre o Desportivo de Chaves (2-1), que reduziu a cinco minutos do final, depois de Guarín e Falcao terem colocado o FC Porto em vantagem, esconde-se um percurso de grande suspense até ao Jamor, que registou o pico de tensão nos oitavos de final, quando, em Belém, foram precisos 30 penáltis e cinco defesas de Beto para qualificar os Dragões. Na eliminatória seguinte, o Sporting seria afastado sem grande dificuldade (5-2), com golos de Rolando, Mariano González, Varela e Falcao, que bisou. Pelos leões marcaram Izmaylov e Liedson, que três anos mais tarde viriam a ser campeões de azul e branco.

SUPERTAÇA

7 DE AGOSTO DE 2010. O futebol demolidor do FC Porto de André Villas-Boas deu-se a conhecer em Aveiro, onde o FC Porto somou a décima vitória na competição em confronto direto com o Benfica. De cabeça e logo aos três minutos, Rolando punha os Dragões em vantagem, que seria ampliada, já no decorrer da segunda parte, por Falcao, que finalizou - num misto de rapidez e requinte - uma transição rápida conduzida por Varela. Aquele jeito devastador de jogar era só uma amostra do muito que estava para vir.





LIGA PORTUGAL

3 DE ABRIL DE 2011. Na Luz e, mais tarde, sem luz. Quem não se lembra? Depois da vitória esmagadora no Dragão, ainda na primeira volta, quando o futebol-espetáculo de uma equipa terrivelmente sedutora produziu uma goleada de cinco golos sem resposta, o FC Porto foi a Lisboa confirmar a conquista do título de campeão nacional com golos de Guarín e Hulk. Resumindo, como Guarín resumiu, foi "histórico, pá!". O campeonato terminava ali, com cinco jornadas por disputar e um final sublimado pelo apagão do sistema elétrico e a ativação do sistema de rega. Sem qualquer derrota no percurso, o FC Porto terminou a Liga com 21 pontos de vantagem sobre o Benfica e a ver Hulk transformar-se no melhor marcador da prova.

LIGA EUROPA

18 DE MAIO DE 2011. Na ponta final de um trajeto de goleadas e exibições brilhantes, o FC Porto foi a Dublin ganhar a Liga Europa ao Sporting de Braga de Domingos Paciência, com um voo de Falcao e um delicioso cruzamento de Guarín, daqueles que conquistam instantaneamente a designação de "passe açucarado". Depois da primeira final europeia totalmente portuguesa, que fez de Villas-Boas o mais jovem treinador a vencer uma prova da UEFA e consagrou Falcao como o melhor marcador da competição, Helton, em dia de aniversário e com a ajuda do avançado colombiano, levantou o troféu de 15 quilos, o segundo do FC Porto, o segundo de toda a história do futebol português.



Radamel Falcao, o melhor marcador da competição, fez o único golo da final da Liga Europa que consagrou André Villas-Boas como o mais jovem treinador a vencer uma prova da UEFA.



TAÇA DE PORTUGAL

22 DE MAIO DE 2011. Duas semanas depois do título conquistado na Luz, o FC Porto voltou a Lisboa para eliminar o Benfica com estrondo e uma boa dose de surpresa, mas só em função da desvantagem de dois golos (2-0) que levava do Dragão. No jogo da segunda mão das meias-finais, os encarnados voltaram a ser triturados (3-1) pelo rolo compressor de Villas-Boas e pelos golos de João Moutinho, Hulk e Falcao. Na final do Jamor, onde James fez um hat-trick, houve mais do mesmo, com o Vitória de Guimarães a ser derrotado por 6-2 e o jovem treinador dos Dragões a completar uma série de quatro troféus numa época, o que só tinha sido conseguido em 1988, pelo FC Porto de Tomislav Ivić.



SUPERTAÇA

7 DE AGOSTO DE 2011. Um ano bem medido depois da segunda vitória consecutiva na Supertaça, o FC Porto regressou a Aveiro para dar o primeiro troféu da carreira a Vítor Pereira. E começou praticamente tudo bem, tudo perfeito, com um passe de calcanhar, um cruzamento de letra e um golo de cabeça: uma delícia produzida por João Moutinho, Hulk e Rolando. A vítima foi o Vitória de Guimarães, que reagiu e empatou por Toscano, mas Rolando haveria de marcar outra vez para estabelecer um novo máximo na prova e garantir aos azuis e brancos o terceiro de cinco troféus consecutivos.



LIGA PORTUGAL

29 DE ABRIL DE 2012. Já com Vítor Pereira no comando técnico, o FC Porto voltou a silenciar a concorrência, anulando uma desvantagem de cinco pontos para o primeiro lugar e ascendendo à liderança isolada com mais uma vitória na Luz (3-2) à passagem da 21.ª jornada. O título foi confirmado ainda com seis pontos por disputar, no dia seguinte a uma vitória sobre o Marítimo e depois de o Benfica empatar em Vila do Conde. Na semana seguinte, a de consagração, Hulk, que já tinha decidido na Madeira, fez os dois golos com que os azuis e brancos

SUPERTAÇA

11 DE AGOSTO DE 2012. A segunda Supertaça de Vítor Pereira foi arrancada a ferros e com a curiosidade de Pedro Emanuel, o herói de Yokohama, estar sentado no banco da Académica, instruindo o adversário para evitar o inevitável, porque, em noite de estreia, o colombiano Jackson Martínez já tinha o golo na cabeça, transformado sobre o minuto 90, a cruzamento perfeito de Miguel Lopes.



LIGA PORTUGAL

19 DE MAIO DE 2013. A história do 27.º título de campeão nacional do FC Porto não ficaria completa sem o momento-Kelvin, aquele em que o brasileiro deu a volta ao campeonato no Dragão, à penúltima jornada, quando os azuis e brancos venceram o Benfica por 2-1 e recuperaram o primeiro lugar ao minuto 92. Depois de liderar entre a 14.ª e a 20.ª jornada, e de restaurar a condição no instante certo, o FC Porto confirmou o terceiro título consecutivo na última ronda, com uma vitória (2-0) em Paços de Ferreira e golos de Lucho González e Jackson Martínez. O Benfica ficou a um ponto de distância e Jackson distinguiu-se como o melhor marcador da Liga em época de estreia.



SUPERTAÇA

10 DE AGOSTO DE 2013. O ciclo de cinco vitórias consecutivas na Supertaça, que, à imagem do campeonato, mais ninguém conseguiu, foi fechado com o Vitória de Guimarães como adversário e Aveiro como palco, para não variar. Licá fez o primeiro golo e o resultado ficou encerrado ainda antes do intervalo com os contributos decisivos de Jackson Martínez e Lucho González. O penta na Supertaça foi o primeiro título da carreira de Paulo Fonseca, o treinador em estreia oficial no banco do FC Porto.



LIGA PORTUGAL

5 DE MAIO DE 2018. A liderança de Sérgio Conceição e o envolvimento dos adeptos ajudam a contar uma boa parte da história do 28.º título de campeão nacional do FC Porto, sobretudo porque a forma como eles se despediram da equipa no Dragão, na véspera do jogo na Luz, parecia anunciar que algo de épico estava para vir. Algo como aquele pontapé de Herrera, forte, colocado e quase no último suspiro do jogo. O FC Porto saía para Lisboa em segundo, mas voltaria em primeiro, no lugar que tinha perdido duas semanas antes em Belém, depois de sete meses na frente. Com aquele golo, o único do jogo, apontado aos 90 minutos, o título ficava mais perto, à espera de validação, que chegou na véspera da entrada em campo para a penúltima jornada e depois do empate do Benfica em Alvalade.



SUPERTAÇA

4 DE AGOSTO DE 2018. De regresso a Aveiro, onde já não erguia a Supertaça há cinco anos, o FC Porto não entrou no jogo a perder, mas quase, porque, apesar da ameaça de Aboubakar, foi Cáudio Falcão quem marcou primeiro e para o Desportivo das Aves. Só que depois veio o génio de Brahimi e mais dois grandes golos para arrumar a questão: primeiro o de Maxi Pereira, de ângulo apertado e depois de combinação com Otávio, e mais tarde o de Jesús Corona. A seis minutos do final já não restavam grandes dúvidas. Ganhava o melhor.



LIGA PORTUGAL

15 DE JULHO DE 2020. À primeira jornada – diziam – era crónica de uma morte anunciada, mas duas semanas mais tarde já era um épico a ganhar forma, porque depois da surpreendente derrota em Barcelos o FC Porto venceria sem surpresa na Luz. E quando, à antepenúltima ronda, receberam o Sporting e o empate bastava, os azuis e brancos ganharam de forma clara com golos de Danilo e Marega, completaram um ciclo de quatro vitórias em quatro clássicos e confirmaram a conquista do campeonato no centésimo jogo de Sérgio Conceição na liga portuguesa enquanto técnico do FC Porto. "União é a palavra que define este título", disse então o treinador.

TAÇA DE PORTUGAL

1 DE AGOSTO DE 2020. Coimbra voltou a ser lição. No caso, de uma entrega inexcedível que proporcionou ao FC Porto mais uma manifestação de superioridade mesmo em inferioridade numérica. Sem Luis Díaz desde o minuto 38 e com o resultado em branco, os azuis e brancos responderam à expulsão do avançado colombiano com dois golos de Chancel Mbemba e uma bravura sem fim que resultou numa vitória por 2-1 sobre o Benfica e na conquista de mais uma Taça de Portugal. "Fomos profissionais, não recuámos, defendemos a nossa camisola", resumiu Mbemba, a grande figura da noite.



SUPERTAÇA

23 DE DEZEMBRO DE 2020. De regresso a Aveiro, onde já tinha erguido seis Supertaças, cinco delas de forma consecutiva, o FC Porto reencontrou o Benfica na antevéspera de Natal e voltou a ganhar. Marcaram Sérgio Oliveira, na transformação de um pontapé de penálti, e Luis Díaz, que recebeu de pé direito e finalizou de pé esquerdo, ao poste mais distante e fora do alcance de Vlachodimos.



LIGA PORTUGAL

7 DE MAIO DE 2022. Líder isolado desde 8 de janeiro, depois de uma remontada épica no Estoril, o FC Porto sofreu a única derrota do percurso em Braga e perdeu a oportunidade para fechar as contas do título à antepenúltima jornada, numa receção ao Vizela. Precisava, então, de um ponto em seis possíveis. À penúltima ronda, na Luz, podia até perder, o empate bastava, mas os azuis e brancos venceram. Zaidu, o herói improvável, acompanhou a longa cavalgada de Pepê, fez aquele golo sublime e os Dragões voltaram a fazer a festa na Luz 11 anos depois.

TAÇA DE PORTUGAL

22 DE MAIO DE 2022. Campeão na Luz outra vez, o FC Porto fechou a nona dobradinha com uma vitória sobre o Tondela (3-1) e com golos de Vitinha e Taremi, que bisou, mesmo desperdiçando uma grande penalidade pelo meio e a oportunidade de completar o terceiro "hat-trick" da época. O percurso para o Jamor começou com uma goleada sobre o Sintrense, incluiu triunfos expressivos perante o Feirense e o Vizela e ganhou contornos brilhantes na forma como o FC Porto afastou o Benfica (3-0), ainda que passando ao lado de um resultado histórico, e o Sporting, eliminado nas meias-finais com um agregado de 3-1.



SUPERTAÇA

30 DE JULHO DE 2022. Mais dois golos de Mehdi Taremi, um de Evanilson à mistura, e o Tondela foi derrotado outra vez. Agora na Supertaça, a 23.ª do palmarés azul e branco, quantidade e volume que faz do FC Porto um caso sem precedentes nem paralelo nas principais ligas europeias: em Portugal e sozinho, já conseguiu mais vitórias na competição do que toda a concorrência junta e em palcos tão variados como as Antas, a Luz, Aveiro, Guimarães, Vila do Conde, Leiria e Paris.



TAÇA DA LIGA

28 DE JANEIRO DE 2023. Com golos de Eustaquio e Marcano, o FC Porto venceu o Sporting na final de Leiria (2-0), conquistou a Taça da Liga pela primeira vez, reassumiu a condição de clube português com mais títulos conquistados e passou a deter todos os troféus nacionais em simultâneo: Liga, Taça de Portugal, Supertaça e Taça da Liga. O desfecho fez ainda de Sérgio Conceição o treinador com mais provas oficiais ganhas (9) em toda a história azul e branca.

TAÇA DE PORTUGAL

4 DE JUNHO DE 2023. Quarenta e cinco minutos de sentido único não bastaram para produzir qualquer golo, que só chegaria depois do recomeço, quando André Horta quis evitar o inevitável e se antecipou a Toni Martínez para fazer o golo na baliza errada. A vantagem azul e branca ganharia maior expressão já depois das expulsões de Wendell e Niakaté, que deixaram as equipas em igualdade numérica, mantendo a disparidade do futebol jogado. Sem surpresa e com Galeno a assistir outra vez, Otávio Monteiro fechou o resultado, mais simpático para o Sporting de Braga do que propriamente justo para produção ofensiva do FC Porto.



TAÇA DE PORTUGAL

26 DE MAIO DE 2024. Foram precisas duas horas para a remontada e para o FC Porto erguer a Taça de Portugal pela vigésima vez. St. Juste colocou o Sporting em vantagem, mas o empate, que perdurou para lá do tempo regulamentar, chegou cinco minutos depois pelo pé direito de Evanilson, que aproveitou uma oferta de Geny Catamo para bater Diogo Pinto. Intensos e determinados, os azuis e brancos consumaram a reviravolta na transformação exímia de um pontapé de penálti por Mehdi Taremi, a castigar derrube do guarda-redes sportinguista a Evanilson.





SUPERTAÇA

3 AGOSTO DE 2024. Épica é o mínimo que se pode chamar à 24.ª vitória do FC Porto na Supertaça, que parecia perdida ainda antes da meia hora, quando Gonçalo Inácio, Pedro Gonçalves e Geovany Quenda davam ao Sporting uma vantagem aparentemente irrecuperável. Mas o impensável aconteceu. Um golo de Galeno antes do intervalo relançou os azuis e brancos na discussão e mais outro do mesmo avançado brasileiro, antecedido pelo sentido de oportunidade de Nico González, forçou o prolongamento. A reviravolta inédita, que deu o único troféu a Vítor Bruno, ficou fechada com um remate de Iván Jaime e um "chapéu" a Vladan Kovačević.


Vitalis
ÁGUA MINERAL NATURAL
#movimentovitalis
30%
SÍLICA
DÁ O LITRO
Vitalis
PATROCINADOR OFICIAL
FC PORTO

João Pinto

“O senhor Pedroto construiu uma grande equipa”

ENTREVISTA de **SÉRGIO VELHOTE**

O primeiro fôlego da DRAGÕES e a ascensão de João Pinto coincidem no tempo e no espaço, numa dimensão em que o final da primeira metade da década de 80 do século XX e o desaparecido Estádio das Antas se cruzam para gerar um dos momentos mais brilhantes da história do FC Porto. Quatro décadas depois e milhares de páginas mais tarde, o lateral que Bobby Robson garantia ter dois corações aceitou o desafio de entrar na cápsula do tempo para revisitar vitórias únicas, treinadores ímpares e episódios memoráveis.

A primeira edição da revista chegou às bancas a 25 de abril de 1985, 17 dias antes da confirmação matemática da conquista do título nacional que escapava ao FC Porto desde 1979. Aos 23 anos, o defesa de Oliveira do Douro celebrava pela primeira vez a vitória no campeonato, competição que voltaria a ganhar em mais oito ocasiões.

Fale-nos desse seu primeiro título de campeão, que é também o primeiro a que a DRAGÕES assiste.
Lembro-me perfeitamente do jogo que decidiu o título, diante do Belenenses. Vencemos por 5-1 num Estádio das Antas que estava mais do que lotado. Deviam estar mais de 100 mil pessoas a assistir nesse dia. Houve invasão de campo, o relvado ficou cheio e as bancadas continuavam repletas de pessoas. Nunca esquecerei esse dia. Vivemos uma grande temporada e tínhamos uma grande equipa que já estava a ser formada há alguns anos. Essa geração serviu de base para tudo o que se seguiu.

O FC Porto surgia embalado pela presença na final da Taça das Taças, que funcionou como um reforço de confiança. A equipa acreditava ter capacidade para ganhar tudo aquilo que viria a vencer?
Nessa final, frente à Juventus, estar presente já foi uma grande vitória. O hotel em que ficámos hospedados não era o indicado para um estágio daquela dimensão, porque até recebeu um casamento nessa noite, foi ensurdecedor. Depois do jogo e da derrota, ao conversarmos entre nós percebemos que, se tivéssemos feito um pouco mais a todos os níveis, teríamos ganho. Foi a primeira final europeia que o FC Porto jogou no futebol. Felizmente, vieram outras em que estive presente e frente ao Bayern já tínhamos um pensamento diferente. Na viagem até Viena só pensávamos



“Voltando ao jogo do título, frente ao Belenenses, houve quem fizesse piqueniques à porta do estádio, foi uma festa. Isso contagiava-nos, porque sentíamos que não tínhamos de ganhar apenas por nós ou pelo clube, mas também por todos os que sofriam de fora para que o FC Porto vencesse. Nunca ficávamos satisfeitos com aquilo que ganhávamos, queríamos sempre mais. Se ganhássemos um campeonato, queríamos o segundo, depois o terceiro... Só assim fazíamos com que os adeptos ficassem felizes.”





A equipa de iniciados do FC Porto, campeã nacional em 1976/77, contava com João Pinto. Na foto, é o terceiro a contar da esquerda, em baixo, mesmo ao lado de Jaime



Em Viena, João Pinto não largou a "orelhuda". Limitou-se a partilhá-la pontualmente. Neste caso, com Quim e André.

em vencer, enquanto em Basileia só o facto de estarmos presentes deixou-nos minimamente satisfeitos na altura.

Todos conhecem o João Pinto como "Eterno Capitão", mas em 1984/85 ainda não usava a braçadeira. Fernando Gomes e Lima Pereira eram os capitães, dois jogadores com muitos anos de casa, tal como grande parte do plantel.
Quem passa muitos anos no clube, em especial quem cresceu na formação, percebe mais rápido o que significa jogar no FC Porto e aquilo que é vestir a nossa camisola. Ser jogador do FC Porto não é apenas jogar futebol, mas também ter uma enorme envolvência com tudo o que rodeia o clube. Não basta treinar e jogar, é mais do que isso. O FC Porto conseguiu, através do senhor Pedroto, constituir uma grande equipa em três ou quatro anos para alcançar esses feitos. Com esse plantel e ao lado de todos os adeptos, que ainda sentiam na pele o que foi estar 19 anos sem ganhar um campeonato, preparou-se esta onda de contínuos sucessos, tanto a nível nacional como internacional.

E com o Estádio das Antas sempre cheio a acompanhar a equipa. Como era sentir esse apoio no relvado?
Começava antes de sairmos do hotel. Nós ficávamos habitualmente em estágio na Boavista e era necessário a polícia ir à frente do autocarro a desviar o trânsito porque, numa viagem de 20 minutos, demorávamos quase uma hora a chegar ao Estádio das Antas. As pessoas acompanhavam de carro ou de mota o autocarro até às Antas. Voltando ao jogo do título, frente ao Belenenses, houve quem fizesse piqueniques à porta do estádio, foi uma festa. Isso contagiava-nos, porque sentíamos que não tínhamos de ganhar apenas por nós ou pelo clube, mas também por todos os que sofriam de fora para que o FC Porto vencesse. Nunca ficávamos satisfeitos com aquilo que ganhávamos, queríamos sempre mais. Se ganhássemos um campeonato, queríamos o segundo, depois o terceiro... Só assim fazíamos com que os adeptos ficassem felizes. Eles acompanhavam-



nos nos jogos, mas também nos treinos, que eram à porta aberta e estavam sempre cheios. Essa envolvência fez-nos mais fortes. Não há palavras para descrever o que era aquele tempo.

Apesar de jogar a defesa direito, fez 20 golos e vários sprints até à vedação para festejar com os adeptos. Sabia melhor estar perto deles nesses momentos?
Lembro-me de marcar um golo ao Vitória de Guimarães que nos deu a vitória por 1-0 e atirei-me para o colo de um polícia a festejar. Fiz isso de forma espontânea, tal como no jogo frente ao Gil Vicente, em que marquei o golo com que vencemos por 2-1. Corri e atirámo-nos para cima da grade e só não passamos para o outro lado porque não dava. É um momento, não se sabe o que se vai fazer, mas é uma alegria enorme.

Como eram os clássicos no Estádio das Antas?
Eu vivia os jogos da mesma forma contra qualquer adversário em qualquer competição, até mesmo se fosse nos jogos pelas reservas. Costumava dizer que, se tivesse que jogar contra o meu pai, ia dar-lhe porrada, seguramente. Essa mentalidade também estava presente nos clássicos e podem dizer "Lá vem o João Pinto com a mesma conversa", mas era a verdade: quando passávamos as pontes já íamos a perder por dois ou três golos. Com a vinda do senhor Pedroto ficámos sem receio de nada. Graças a ele e às outras pessoas que souberam liderar, e muito bem, o nosso clube durante esses anos, começamos a conquistar os troféus e a derrubar as barreiras que, até então, eram inultrapassáveis.

Também foi preciso dar um clique a nível mental?
A mentalidade de um jogador à Porto surge com o senhor Pedroto, foi ele quem nos incutiu isso. Um jogador à Porto só pensa em vencer qualquer jogo. Agora, para isso acontecer, cada um de nós sabia que era preciso deixar tudo em campo. Posso dar o exemplo do Frasco, um grande jogador a quem era preciso dar porrada para lhe tirar a bola e, muitas vezes, nem assim o conseguiam. Ele sempre deixou tudo o que tinha no relvado e era isso que cada um fazia. Graças a Deus, foram muitas mais as vezes em que conseguimos celebrar vitórias, dando sempre tudo pelo FC Porto.

Todos se lembram da final de Viena, mas há algum jogo dessa caminhada que o João Pinto destaque e que passe despercebido ao resto das pessoas?
Lembro-me do quão difícil foi o primeiro jogo da segunda ronda em casa do Vítkovice, da antiga Checoslováquia. Perdemos 1-0 e fomos massacrados do princípio ao fim. Se fomos três vezes à baliza deles já foi muito e uma delas fui eu que chutei quase do meio-campo e a bola foi à barra. Apesar da derrota, sinto que a sorte esteve do nosso lado nesse dia. Eles eram altos, muito mais corpulentos

"O FC Porto conseguiu, através do senhor Pedroto, constituir uma grande equipa em três ou quatro anos para alcançar esses feitos. Com esse plantel e ao lado de todos os adeptos, que ainda sentiam na pele o que foi estar 19 anos sem ganhar um campeonato, preparou-se esta onda de contínuos sucessos, tanto a nível nacional como internacional."



do que nós, e jogavam bom futebol. Foi dos jogos em que mais dificuldades tivemos, mas nas Antas conseguimos dar a volta e vencemos por 3-0.

O FC Porto chega à final da Taça dos Campeões Europeus sem Lima Pereira e sem Fernando Gomes e o João Pinto assume a braçadeira. Houve algum nervosismo?
Quando se subia ao relvado só queríamos vencer e dar tudo em campo, com ou sem braçadeira. Eles eram os capitães, mas o Frasco também era. Quando eles ficaram ausentes, o Frasco disse no balneário que devia ser eu o capitão. A final de 1984 serviu de exemplo para esta. Se em Basileia íamos para a festa, em Viena sabíamos que só haveria festa se vencêssemos. Antes da viagem, o Artur Jorge disse-nos para atribuirmos o favoritismo ao Bayern em qualquer entrevista que déssemos, mas queríamos ganhar o troféu. "Vamos ver se os adormecemos um bocadinho e depois chegamos lá e damos-lhes com a moca". Foi mais ou menos esta a ideia. Contrariando também o que aconteceu em 1984, já ficámos num hotel espetacular e sossegado, o que nos permitiu descansar melhor. Demos-lhes um golo de avanço, que poderia ter sido evitado. Ao intervalo, o mister começou a corrigir algumas coisas que estavam menos bem e, antes mesmo de entrarmos para o relvado, disse-nos: "Vocês têm 45 minutos para entrar na história do FC Porto, pensem no que têm a fazer". A prova da nossa grande equipa e do grande plantel que tínhamos, porque não eram só os titulares que eram importantes, foi que, mesmo sem dois ou três jogadores cruciais para as nossas vitórias, vencemos na mesma.

Como foi levantar a taça?
Foi como quando o meu pai me deu uma bicicleta pela primeira vez, ninguém podia andar nela. A taça foi a mesma coisa. Mesmo quando os meus colegas queriam tirar fotografias com ela, eu dava-lhes a taça, mas mantinha sempre a mãozinha agarrada a ela. Quando percebia que a fotografia estava tirada, voltava a ter a taça nas duas mãos e começava a correr. Não há palavras para descrever toda a emoção que vivi nesse dia. Hoje, quando vejo as imagens ou alguém a falar dessa final, digo em jeito de brincadeira que ainda bem que não a larguei, porque passados quase 40 anos, sou eu que apareço sempre com a taça na cabeça. Se a tivesse dado ao Madjer, com o golo que ele marcou, era sempre essa a fotografia que aparecia.

João Pinto

"Hoje, quando vejo as imagens ou alguém a falar dessa final, digo em jeito de brincadeira que ainda bem que não a larguei, porque passados quase 40 anos, sou eu que apareço sempre com a taça na cabeça. Se a tivesse dado ao Madjer, com o golo que ele marcou, era sempre essa a fotografia que aparecia."

"O Ivić vivia o futebol ao minuto"

João Pinto trabalhou com alguns dos melhores treinadores da história do FC Porto num período que abrange os troféus internacionais de 1987 e 1988 e atinge o ciclo do pentacampeonato. De José Maria Pedroto a Sir Bobby Robson, esta é a perspetiva do lateral direito sobre os homens que conduziram o FC Porto a algumas das mais emblemáticas vitórias da história azul e branca.



Em janeiro de 1988, no desaparecido Estádio das Antas, com Jaime Magalhães, Inácio, Geraldão, Sousa e Gomes, depois da conquista da Supertaça Europeia e da troca de camisolas com os jogadores do Ajax.

“Quando regressei às Antas, e eu era sempre o primeiro a chegar, vi o prof. José Mota com os apontamentos e a balança e pensei: “Estou tramado”. Lá fui eu, todo nu, pesar-me. Tinha três quilos a mais. Depois de me equipar, o Artur Jorge chamou-me e perguntou-me: “Então, João, três quilos a mais?”. E eu respondi: “A culpa é sua, porque se só tivesse dado um dia de folga, eu tinha um quilo a mais, mas deu três...”

Encontra algumas diferenças entre o futebol de agora e o que praticou?
Não, é na mesma 11 contra 11. Se olhar para o meu tempo de jogador e comparar ao que existe hoje, encontra-se distinções na nutrição. Naquela altura, cada jogador alimentava-se da maneira que achava ser melhor para ele, enquanto nos dias de hoje é totalmente diferente, há mais controlo.



José Maria Pedroto tentou implementar esse controlo no início da década de 80...
E nós cumpríamos nos estágios. No entanto, não era todos os dias. Lembro-me, passados uns anos e já com Artur Jorge no comando, que nos deram três dias de folga. Quando regressei às Antas, e eu era sempre o primeiro a chegar, vi o prof. José Mota com os apontamentos e a balança e pensei: “Estou tramado”. Lá fui eu, todo nu, pesar-me. Tinha três quilos a mais. Depois de me equipar, o Artur Jorge chamou-me e perguntou-me: “Então, João, três quilos a mais?”. E eu respondi: “A culpa é sua, porque se só tivesse dado um dia de folga, eu tinha um quilo a mais, mas deu três...”. Comprometi-me a voltar ao peso ideal até ao final da semana e o certo é que quando chegou a sexta-feira tinha perdido três quilos e meio. Podia passar fome toda a semana, mas nas minhas folgas tinha de aproveitar.

Atribui ao ambiente de família e de entreajuda no balneário um fator importante que permitiu somar conquistas atrás de conquistas?
Naquela altura, para vir para o FC Porto não interessava apenas o valor como jogador, mas também o lado do ser humano e acho que essa acabou por ser a escolha certa. Nos anos em que estive no FC Porto, os treinos eram mais agressivos do que os jogos e nenhum jogador saiu lesionado por ter levado porrada. A dureza era enorme, mas sempre na bola para tentar ganhar. Isso levou-nos a jogar num patamar muito elevado. Mesmo as quezílias que por vezes aconteciam eram resolvidas no dia e no balneário. Isso acontece devido ao espírito de camaradagem que sentíamos entre todos. Não interessa ter uma grande equipa se os jogadores não se derem bem entre todos, tanto dentro como fora do campo.

Esse espírito de equipa permitiu à equipa continuar a vencer mesmo com as mudanças de treinador?
Era raro um treinador ficar mais de dois ou três anos. No entanto, havia poucas mudanças no plantel do FC Porto. Quando iam buscar três ou quatro jogadores, no jogo de apresentação era sempre o 11 do ano anterior que jogava a titular. Nós até brincávamos com o sr. Reinaldo Teles e dizíamos: “Por que gastam dinheiro com eles se são os mesmos que jogam?”. Até esses jogadores se riam, era uma boa forma de os integrar. Também era uma boa forma de eles perceberem que o nosso plantel era muito forte e que, para se jogar, era preciso dar à perna.

Conquistou o seu primeiro campeonato com o mesmo treinador com que venceu a Taça dos Campeões Europeus, o Artur Jorge. Como era trabalhar com ele?
O sr. Artur Jorge era uma pessoa em que os responsáveis do FC Porto acreditavam. Contudo, e não lhe tirando o mérito, que bem merece, também temos de recordar quem começou por montar aquela equipa. O sr. Pedroto trabalhou com o Artur Jorge em Guimarães e acho que já o estava a preparar para um futuro no FC Porto. Infelizmente, saiu cedo das nossas vidas e o FC Porto contratou o Artur Jorge, que tinha grandes conhecimentos, era uma excelente pessoa e soube aproveitar de melhor forma cada jogador do plantel. O FC Porto tinha uma grande equipa, um grande presidente e uma massa associativa com muita fome de títulos. Tudo junto possibilitou-nos começar a vencer de forma regular.

Havia muitas diferenças entre trabalhar com Artur Jorge e com Tomislav Ivić, por exemplo?
Todos os treinadores com quem tive a oportunidade de trabalhar fizeram-no ao mais alto nível, ainda que de maneiras diferentes. O Artur Jorge era um treinador ao estilo português. Apesar dos vários cursos que tirou fora do país, a base não variou muito dos outros. Agora, o Ivić vivia o futebol de minuto em minuto. Nas viagens de avião para as competições europeias ele estava sentado sempre a tirar apontamentos sobre os adversários. Chamava um jogador e explicava o que queria dele para esse jogo, depois chamava outro. A nível das sessões de trabalho também existiam diferenças, como também as sentimos quando veio o Bobby Robson. Foram dois grandes treinadores que passaram pelo FC Porto.

É com Bobby Robson que o FC Porto arranca para o pentacampeonato, ciclo em que o João Pinto venceu os primeiros três de cinco títulos consecutivos. Como foi trabalhar com ele?
O Sir Bobby Robson era um "gentleman". Era uma pessoa espetacular e inteligente, nunca se zangava com ninguém apesar de levantar a voz quando merecíamos. Ao contrário do Tomislav Ivić, em que se treinava sempre com muita agressividade e intensidade, com o Bobby Robson havia uma alegria extra. Ele sentiu que essa energia estava sempre presente, não precisava de nos obrigar. Ele adorava cada treino e como cada jogador trabalhava. Foi um grande treinador.

O momento da sua despedida dos relvados foi um dia de muita emoção para si e para todos os portistas. Aconteceu como pretendia?
Já estava preparado há três ou quatro anos para esse dia. Quando o Fernando Gomes saiu do FC Porto, olhei-me ao espelho e disse: "Qualquer dia vai acontecer-te o mesmo". Admito que ficar ligado ao FC Porto como treinador dos juniores logo após a minha retirada me ajudou a não sofrer muito. Estava a passar férias na altura e disse a uma sobrinha: "Verónica,











manda para o hotel por fax (na altura não havia e-mails nem mensagens) todas as notícias que forem surgindo do FC Porto". Estava a jantar e virei-me para as minhas filhas e disse que tinha terminado a carreira. O presidente Jorge Nuno Pinto da Costa tinha dado uma entrevista a dizer que o lugar de treinador dos juniores só não era meu se eu não quisesse. Então, terminou. Quando regressei, acertamos tudo.

Numa das entrevistas que deu à DRAGÕES falou dessa despedida e de como dez anos depois ninguém se lembraria do João Pinto. E aqui estamos, quase 30 anos depois...
Fico muito contente. Passados estes anos, sou reconhecido pela cidade do Porto, por Portugal e até no estrangeiro. Pedem-me para tirar uma fotografia com eles e dão-me os parabéns. Para mim, é verdadeiramente especial, porque é sinal de que tudo o que dei ao FC Porto valeu a pena. Só não dei mais porque não pude. Ser acarinhado desta forma, em especial na nossa cidade, também se deve a esses anos todos e pela forma como vesti e defendi a camisola do FC Porto.

A DRAGÕES acompanhou a carreira do João Pinto em diferentes capítulos que ilustram na perfeição o que significou para si defender o FC Porto. Agora, com outras funções, essa paixão mantém-se?
Claro que sim. Tenho dois lugares anuais no Estádio do Dragão e venho ver os jogos. Sofro com o FC Porto, não só no futebol como nas modalidades de pavilhão. Sou portista desde pequenino e quero que o FC Porto vença sempre. Sei que estamos a atravessar um período menos bom, mas a vida é assim mesmo, porque não dá para estarmos sempre por cima. É nestes momentos que os sócios do FC Porto têm ajudado com o apoio total, ao aparecerem nos jogos mesmo nestas alturas. Faço votos para que isso aconteça, porque os adeptos são uma parte fundamental de todo o processo e os jogadores, ao sentirem esse apoio, ficam com a tarefa mais facilitada.

Acredita que a DRAGÕES poderá acompanhar mais quatro décadas de vitórias azuis e brancas?
Não tenho dúvidas. Sei que este ano está a ser difícil, seria sempre um ano zero depois da mudança. Estou convencido de que, com as pessoas que estão à frente do FC Porto e com toda a massa adepta a puxar para o mesmo lado, o FC Porto vai voltar ao caminho das vitórias e a conquistar muitos títulos, que é o que todos nós desejamos.

NOME
João Domingos da Silva Pinto

NATURALIDADE
Vila Nova de Gaia

DATA DE NASCIMENTO
21 de novembro de 1961

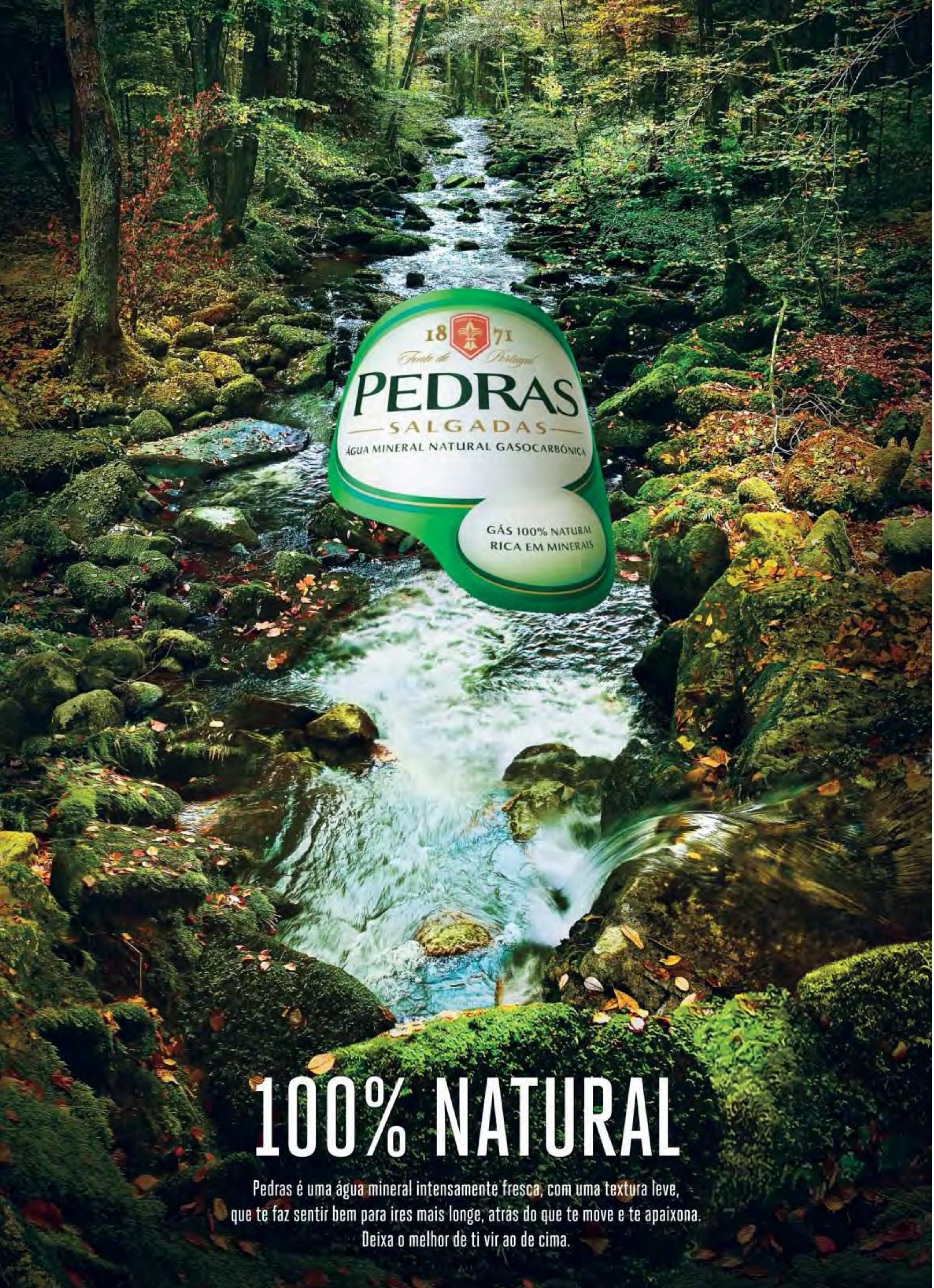
POSIÇÃO
Defesa

CAMISOLA
2

CLUBES
FC Porto

TÍTULOS
1x Taça dos Campeões Europeus
1x Taça Intercontinental
1x Supertaça Europeia
9x Liga Portugal
4x Taça de Portugal
8x Supertaça de Portugal

DISTINÇÕES
- Jogador com mais jogos pelo FC Porto (587)
- Jogador com mais campeonatos conquistados pelo FC Porto (9)
- Eleito melhor defesa direito do Europeu de 1984
- Vencedor do One Club Award, prémio atribuído pelo Athletic Bilbau, em 2023
- Campeão nacional como treinador da equipa Sub-19 do FC Porto em 1998 e 2001


18 71
Fonte de Portugal
PEDRAS
SALGADAS
ÁGUA MINERAL NATURAL GASOCARBÓNICA
GÁS 100% NATURAL
RICA EM MINERAIS
100% NATURAL
Pedras é uma água mineral intensamente fresca, com uma textura leve,
que te faz sentir bem para ires mais longe, atrás do que te move e te apaixona.
Deixa o melhor de ti vir ao de cima.

Delicioso em todos os sentidos

Chegou o novo Chocolate Quente Delta.
Uma bebida deliciosamente cremosa,
para preparar no conforto de casa de forma
simples, rápida e muito saborosa.





ENTREVISTA
AUGUSTO INÁCIO
Dragões
Lubomir Obradovic
Lucho González
GOMES
o triunfo é de ouro
MENSAL • 500$00 c/ IVA incl. • ANO 15 • N.º 171
JULHO 99
Dragões
DOMINGOS TENHO FOME DE GOLOS
Dragões
Há uma luz que nunca se
MENSAL
200$00 - ANO 4 - MARÇO 89 - N.º 48
dragões
Dragões
Mensal • 3€ c/ IVA incl. • Ano 16 • Nº 201
Janeiro 2002 • Revista Oficial do Futebol Clube do Porto
Quero Títulos!

128 títulos só para abrir

Atletismo, ciclismo, futebol, halterofilismo, hóquei em campo e em patins, natação, patinagem artística e voleibol. O FC Porto conquistou 128 títulos individuais e coletivos, masculinos, femininos e mistos em oito escalões de nove modalidades na temporada de 1984/85, a primeira em que disponibilizou aos adeptos uma publicação mensal com o nome que começava a caraterizá-los: a DRAGÕES.

TEXTO de **MANUEL T. PÉREZ**

Quatro décadas depois do lançamento da primeira edição - já sem Estádio das Antas, Pavilhão Américo de Sá, Pavilhão Afonso Pinto de Magalhães e Piscina das Antas -, os arquivos do Museu servem de ponto de partida para um trabalho de investigação aos resultados desportivos dignos de registo nas semanas anteriores e seguintes ao 25 de abril de 1985, a data de nascimento da revista. Para isso foram consultadas múltiplas fontes internas e externas, desde o extinto jornal O Porto ao Relatório e Contas, passando por documentação avulsa encontrada na antiga sala de troféus onde era armazenado o espólio do clube, dados partilhados por federações e associações, jornais e revistas - incluindo coleções disponibilizadas on-line em arquivos públicos ou acessíveis ao público, como o da RTP. Entre as 128 conquistas documentadas destacam-se as 71 da natação, as 26 do atletismo e as 13 do halterofilismo - as três modalidades que obtiveram títulos na casa das dezenas e que mais engrandeceram o palmarés azul e branco. Mas o troféu que arrastou multidões foi outro: o campeonato nacional de futebol, festejado a 12 de maio nas bancadas e no relvado do Estádio das Antas. Perante uma multidão de 70 mil pessoas, Gomes assinou um “hat-trick” no epílogo da temporada em que conquistou a segunda Bota de Ouro, Jaime Magalhães e Futre também fizeram o gosto ao pé e os Dragões que



Dezassete dias depois de a DRAGÕES chegar às bancas, o FC Porto de Artur Jorge conquistava o título de campeão nacional.

já não eram andrades reconquistaram o título que escapava há seis anos, desde os tempos de José Maria Pedroto. O Belenenses ainda reduziu, mas o 5-1 final confirmava o primeiro título da era Jorge Nuno Pinto da Costa e da super-equipa de Artur Jorge, que conquistaria a Europa em Viena dois anos mais tarde. Mas não foi só o futebol a tornar 1984/85 uma época memorável para os portistas. O hóquei em patins fez ainda melhor e, além do campeonato, ergueu também a Taça de Portugal e a Supertaça. A constelação orientada por Vladimiro Brandão e formada por Domingos Guimarães, António Alves, Cristiano Pereira, Vítor Hugo, Vítor Bruno, Domingos Carvalho, Licínio Pereira, António Vale e Tó Sousa patinou com autoridade rumo ao tricampeonato e só não lhe juntou a Taça dos Campeões Europeus porque a sorte sorriu ao Barcelona no desempate por grandes penalidades.

DESDE ABRIL DE 1985

Nessa altura já se vendia nas tabacarias e quiosques uma revista com 44 páginas coloridas, uma novidade que refletia a modernidade cada vez mais acentuada no clube e levava o público a pagar 100 escudos pela recém-nascida DRAGÕES, então dirigida por Monteiro Pinho e distribuída pela empresa Jornal de Notícias.
O sucesso daqueles 10 mil exemplares impôs o regresso às máquinas para uma segunda edição. Na capa, a revista reproduzia um abraço entre os jogadores André, Jaime Magalhães e Quim, revelava documentos inéditos de José Maria Pedroto, que falecera três meses antes, e trazia uma entrevista a Jorge Nuno Pinto da Costa, que cumpria o segundo mandato à frente do clube. Publicação única entre os emblemas portugueses, a DRAGÕES plasmava um conceito diferente de comunicação definido pelo Presidente dos Presidentes. "É um passo importante na modernização e lançamento europeu do FC Porto", dizia o dirigente na entrevista publicada no primeiro número da revista.
Ao longo de quatro páginas, Jorge Nuno Pinto da Costa começava a desvendar o futuro, tendo como horizonte o ano 2000, e uma das grandes obras era o rebaixamento do Estádio das Antas, integrado no projeto da Cidade Desportiva. Não prometeu



A capa da primeira edição da DRAGÕES.

títulos, embora garantisse que o FC Porto teria sempre de "jogar para ganhar" em todas as competições. A revista era uma das promessas do programa eleitoral de 1982. Jorge Nuno Pinto da Costa concretizou-a três anos depois de assumir a presidência, substituindo o jornal "O Porto" pelo título com que batizou os adeptos então conhecidos apenas como "portistas", "azuis e brancos" ou até "andrades". Outro rosto dessa edição era José Maria Pedroto, cujo regresso e desaparecimento era recordado com "documentos inéditos" e com a célebre frase "largos dias têm cem anos", que em 2004 seria repescada para a autobiografia do companheiro de luta. Seguiam-se artigos dedicados à natação, uma secção com 130 atletas, outro ao hóquei em patins e "o sonho azul de uma geração" - o título de um trabalho sobre a futura cidade desportiva. O projeto previa a construção da nova sede numa torre a ser erguida nas Antas, um complexo cultural e uma piscina olímpica. A piscina chegou a ser escavada, mas só a torre ganhou forma. Nas páginas centrais surgia o poster de um onze que incluía Eurico, Lima Pereira, Inácio, Gomes, João Pinto, Zé Beto, Vermelhinho, Frasco, Jaime Magalhães, Quim e Futre. José Neto, o pioneiro das estatísticas no futebol, também teve direito a uma crónica e o departamento juvenil de futebol a outra. Foi ainda dado destaque à história azul e branca, ao desenvolvimento das delegações e às várias modalidades do clube - do hóquei ao basquetebol, do andebol à natação, passando pelo voleibol. Ontem como hoje.


YES ZEE



FERNANDA RIBEIRO

“Consegui tudo e ainda mais”

Não nasceu num berço de ouro, mas correu muitos quilómetros atrás desse metal precioso. Ainda brincava com bonecas e já batia recordes como gente grande. A Fernanda era assim. O sonho olímpico corria-lhe nas veias, mas uma lesão no tendão de Aquiles esteve quase a arruiná-lo. Chegou mesmo a dar a carreira por terminada sem saber que o melhor ainda estava por vir. A madrugada de 2 de agosto de 1996 havia de lhe mudar a vida para sempre (e o desporto português também). Por essa altura já tinha vencido tudo: era campeã nacional, europeia, mundial e olímpica, um feito apenas à altura dos melhores de todos os tempos - e ela era uma das melhores. Era a “Rainha do Mundo”.

ENTREVISTA de **MARIA LEONOR COELHO**



"Um dia o meu pai perguntou-me se queria ir para o atletismo e eu disse logo que sim, porque sabia que ia ter umas sapatilhas e uns calções. Nem sabia muito bem o que era o atletismo, só sabia o que era correr na rua e ganhar a toda a gente."

Porquê o atletismo?
Tudo começou quando tinha nove anos. Cresci sem nada numa aldeia pequena em Penafiel, chamada Novelas. Um dia o meu pai perguntou-me se queria ir para o atletismo e eu disse logo que sim, porque sabia que ia ter umas sapatilhas e uns calções. Nem sabia muito bem o que era o atletismo, só sabia o que era correr na rua e ganhar a toda a gente. Lembro-me que a minha primeira competição foi no dia 14 de abril de 1979. Fiquei em segundo lugar e, a partir daí, nunca mais quis sair.

Aos 11 anos corre a primeira meia-maratona e só fica atrás da Rosa Mota. É aqui que começa a perceber que tinha futuro?
Acho que não. Ainda era muito pequenina, apesar de já ter o sonho de ser campeã olímpica. Muitas vezes perguntavam-me se queria ser como a Rosa Mota e eu dizia que não, ainda que lhe guarde muito respeito. Sempre tive o sonho de ser melhor. Comecei a bater recordes nos 1.000 metros como infantil, depois vim para os iniciados do FC Porto e fiz logo essa meia-maratona com 11 anos. Perdi por quatro décimos contra a Rosa Mota e sei que isso chamou a atenção, mas só senti que comecei a ganhar espaço aos 14 anos quando representei a seleção pela primeira vez. Aí comecei a sentir que o sonho de ser campeã olímpica podia chegar.

Consta que nessa altura ainda brincava com bonecas no balneário. O processo de afirmação foi mais difícil por ser tão nova?
Lembro-me de fazer uma meia-maratona com a Aurora Cunha e de ser chamada à atenção no balneário do Estádio das Antas, porque na ideia dela eu ainda precisava de brincar. Eu levava o atletismo como uma



"Em abril de 1996 deram a minha carreira como terminada, mas eu consegui ser campeã olímpica em agosto. Cheguei a ter medo. Estava em grande forma nos treinos, os meus colegas de seleção sabiam disso, mas tinha consciência de que o tendão podia arruinar o meu sonho a qualquer momento."

brincadeira, quem me conhece sabe que eu ainda brincava com bonecas nos estágios no Algarve. Eu e as minhas amigas fazíamos casinhas, íamos ao parque infantil, sempre brinquei muito. As pessoas achavam que eu treinava demasiado, mas isso não é verdade. Eu só treinava por obrigação, nunca gostei muito de treinar, mas gostava de competir.

Chegar ao FC Porto aos 13 anos foi um choque muito grande?
Foi muito difícil. Na primeira semana a minha mãe fez as viagens comigo, para me ensinar, mas depois comecei a fazer uma hora e meia de comboio sozinha. Saía na estação de Contumil e havia uma zona problemática por onde tinha de passar no caminho para os treinos. Havia alturas em que o comboio não parava em Contumil e eu ia desde a estação de Campanhã até ao Estádio das Antas a pé. Os meus pais também não me podiam dar dinheiro para os transportes. Lembro-me de ficar à espera das pessoas para ir apanhar o comboio à noite, porque passava por uma zona onde havia bastantes assaltos, só que depois comecei a ter medo de passar por ali e dava a volta pela Areosa. Foi uma fase muito difícil, mas que valorizo muito.

Esse receio nunca a afastou do FC Porto?
Não, nunca deixei de fazer as viagens. Ainda houve uma altura pior, quando o FC Porto deixou de ter pista. Tive de começar a apanhar um autocarro para o CDUP que muitas vezes não vinha. Depois de fazer um treino forçado, ainda tinha de ir a pé desde a Arrábida até São Bento para apanhar o comboio, mas isso nunca me fez desistir do meu sonho.

E como correu a adaptação ao clube?
Não senti uma diferença muito grande, porque só vinha duas vezes por semana às Antas. Nos outros dias treinava em Penafiel e claro que o treino era diferente, porque comecei a treinar com o meu pai, que nunca foi treinador, e no FC Porto tinha outra estrutura. Fui-me habituando e nunca senti uma diferença muito grande.

Nessa altura já sentia o peso da camisola azul e branca?
Sempre levei muito a sério todas as camisolas que vesti, desde o Valongo ao Kolossal e, como é óbvio, também respeitei a camisola do FC Porto. Tratei todos os clubes com o máximo respeito, porque queria dar sempre o meu melhor.

Depois de bater vários recordes na formação, chega aos Jogos Olímpicos com 19 anos. Como foi a experiência em Seul?
Foi excelente. O sonho de qualquer atleta é ir aos Jogos Olímpicos e eu consegui, apesar de não ser candidata a nada. Os Jogos mais importantes para mim foram os de 1996, por razões óbvias, mas os mais marcantes foram os de 1988 porque foram os primeiros.

Foi sem pressão ou criou expectativas?
Nessa altura já não dá para ir sem pressão, apesar de saber que não era candidata a nada. Não fiquei angustiada por não ter passado à final, porque sei que dei

o meu melhor. Nos Jogos seguintes, em 1992… aí sim, senti-me frustrada.

A Rosa Mota conquista o ouro nesse ano, sentiu ainda mais vontade de imitar esse feito nos Jogos seguintes?
O meu bichinho de ir atrás da medalha começou quando eu era criança. Houve momentos em que achei que não ia conseguir, porque tive fases más na minha carreira, mas quando vi a Rosa Mota ganhar a medalha fiquei muito contente e senti uma força extra. Aquilo dá sempre mais força, porque vemos uma atleta do nosso país no pódio, com o hino a tocar e a bandeira a subir… Sempre tive esse sonho desde criança.

Em 1992 enfrentou algumas lesões e teve de lidar com a pressão da subida de escalão. Os Jogos de Barcelona ficaram marcados pela negativa?
Muito. Até equacionei terminar a carreira. Em 1992 também não era candidata a nada, mas havia vários candidatos portugueses e acabámos os Jogos sem medalhas. Fui muito massacrada e, naquele momento, senti que não valia a pena continuar no atletismo. Depois de falar com o meu treinador e com a minha família, senti que tinha de mostrar que era uma atleta. Falei com o presidente da Federação, que me tinha tecido algumas críticas, e disse-lhe que ia mostrar o que valia. No ano seguinte cheguei à final do Campeonato do Mundo de seniores, em 1994 ganhei duas medalhas e em 1995 foram três.

Onde foi buscar forças para continuar?
Sabia que não treinava tanto quanto as pessoas diziam. Agora existe o escalão de sub-23, mas na minha altura não existia e eu passei diretamente de júnior para sénior. Como tinha sido uma excelente atleta nos juniores, as pessoas não compreendiam a minha má fase. Mudei, vim com mais vontade e queria mostrar que era capaz de alcançar o meu sonho de criança. Comecei a levar as coisas mais a sério. Nunca fui muito disso, consegui sempre atingir certas marcas porque gostava mesmo do que fazia. Sempre fui apaixonada pela competição e o treino não me dava tanto gozo. Entretanto comecei a dedicar-me mais e os resultados também começaram a aparecer.

É nesta fase que começa a investir nos 10.000 metros?
Sim. O meu treinador falou comigo e,





Com a chinesa Wang Junxia e a etíope Gete Wami na cerimónia de atribuição das medalhas da corrida de 10.000 metros dos Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996





como eu sempre gostei de fazer muitos quilómetros, comecei a treinar para os 10.000 metros. Em 1993 fui finalista no Campeonato do Mundo e, apesar de ter batido o recorde nacional dos 3.000 metros no ano seguinte e de ser candidata a campeã europeia, continuei a investir nos 10.000 e fui chamada a representar a Europa. Também fazia os 5.000 e cheguei a bater o recorde do mundo, mas gostava mais dos 10.000 metros.

Em 1994 sagra-se campeã europeia em Helsínquia e, um ano depois, já era campeã do mundo. Este estatuto permitiu-lhe sonhar com a medalha olímpica?
Em 1995 venci uma das principais candidatas à medalha, mas eu tinha uma lesão no tendão de Aquiles. As pessoas achavam que a lesão era uma desculpa para quando as coisas corriam mal, mas não era. Agora já não faço atletismo e continuo a lidar com os mesmos problemas no tendão de Aquiles. Em abril de 1996 deram a minha carreira como terminada, mas eu consegui ser campeã olímpica em agosto. Cheguei a ter medo. Estava em grande forma nos treinos, os meus colegas de seleção sabiam disso, mas tinha consciência de que o tendão podia arruinar o meu sonho a qualquer momento. Nessa altura tínhamos de fazer duas provas de 10.000 metros e, para mim, era muito complicado correr duas vezes por causa das dores. Fui campeã olímpica e ainda dei a volta de honra, porque quando se ganha as dores passam, mas depois já não cheguei à aldeia olímpica pelo meu pé. As dores eram insuportáveis.

Nunca deixou que esse diagnóstico a afastasse de Atlanta?
A notícia afetou-me muito. Estava a fazer um estágio em Manaus, uma cidade muito quente e húmida como Atlanta, e chorei muito quando o médico me disse que tinha de acabar a carreira. Lembro-me de vir a chorar na viagem de regresso do Brasil para Portugal. Achei mesmo que tinha acabado ali, apesar de ter uma equipa médica a dizer-me que vinha para o Norte para me acompanhar. Nessa altura trabalhava com o Rodolfo Moura, que colaborava com o FC Porto, e lembro-me de o ir informar que já não podia correr mais. No momento em que lhe contei isto ele disse-me que eu ainda ia ser campeã olímpica. Isso mudou o meu pensamento, porque eu confiava muito nele. Deixei de ter domingos ou feriados, estava sempre em tratamento, ele ajudou-me muito e eu fui acreditando.

"Vivia com medo. Chorei muitas vezes na pista, porque não conseguia treinar com as dores. Terminava os treinos a chorar para um lado e o meu treinador chorava para o outro. Sabia que aquilo que acontecia nos treinos podia acontecer em competição, até porque a prova era muito mais difícil."



Nunca perdeu a esperança?
Vivia com medo. Chorei muitas vezes na pista, porque não conseguia treinar com as dores. Terminava os treinos a chorar para um lado e o meu treinador chorava para o outro. Sabia que aquilo que acontecia nos treinos podia acontecer em competição, até porque a prova era muito mais difícil, mas a força de vontade também era muita. Sofri muito em 1996, foi um dos meus piores anos a nível de lesões. Claro que queria ganhar a medalha de ouro, mas corria sempre com receio. Fazia tratamentos à meia-noite com o doutor Puga e não tinha descanso. Se alguma coisa corresse mal, pelo menos sabia que não era por falta de esforço, porque fiz tudo direitinho.

Em julho foi porta-estandarte de Portugal. Como foi esse dia?
Sinto que consegui tudo o que podia conseguir e ainda mais. Ser porta-estandarte foi uma das melhores coisas que me aconteceu. Levar a bandeira do meu país nos Jogos Olímpicos foi excelente e ainda tive a oportunidade de a levar mais uma vez na cerimónia de encerramento em Sydney, onde ganhei mais uma medalha.

2 de agosto de 1996. Tinha a prata garantida, mas foi buscar forças para ultrapassar a Wang Junxia a 200 metros do fim. Em que é que pensou?
Acho que nem dá para pensar muito. Sabia que não tinha nada a perder, estava a ser muito rápida e tinha um sonho que só podia concretizar ali. Tinha visto que o segundo lugar estava garantido, mas olhei para o ecrã e vi que a chinesa estava em esforço. Agarrei-me ao que já tinha sofrido e sabia que não tinha nada a perder, comecei a aproximar-me e a sentir mais confiança. Quando partimos de trás temos sempre mais força do que a pessoa que vai na frente e foi isso que aconteceu. Ultrapassei por dentro, pelo sítio errado, porque se ela me desse um toque e eu caísse a culpa seria minha, mas acho que ela nem se apercebeu que deixou aquele espaço para eu passar. Naquele momento já nem me lembrava se ia pela esquerda ou pela direita, porque ali é o tudo ou nada. Correu bem.

Qual é a sensação de ser campeã olímpica?
É uma alegria enorme, porque foi aquilo com que sonhei a vida toda. Vi que estavam lá os meus colegas de seleção com bandeiras à minha espera e isso fez-me pensar nos portugueses que estavam a ver e, acima de tudo, na minha família. Só queria chegar a casa e estar com eles. Foi o momento mais importante da minha carreira e queria partilhá-lo com a minha família.





“Sabia que não tinha nada a perder, estava a ser muito rápida e tinha um sonho que só podia concretizar ali. Tinha visto que o segundo lugar estava garantido, mas olhei para o ecrã e vi que a chinesa estava em esforço. Agarrei-me ao que já tinha sofrido e sabia que não tinha nada a perder.”

Chegou a Portugal com o estatuto de campeã europeia, mundial e olímpica. Como foi recebida?
Só vemos uma mobilização daquelas no futebol. Em 1995 já tinha passado por isso quando fui campeã mundial, então sabia que em 1996 ia haver ainda mais gente no aeroporto e assustei-me. Alterei a viagem para mais cedo e tentei chegar sem ninguém saber. Ser recebida pelos portugueses era uma alegria enorme, mas eu estava muito assustada. Demorei quatro horas a fazer 40 quilómetros até Penafiel. Havia tanta gente...

O que lhe diziam os portistas?
Era a única campeã olímpica do clube. Sei que faço parte da história do FC Porto, mas nessa altura tinha o carinho do país todo. Acho que os portugueses já nem olhavam para mim como uma atleta do FC Porto, porque viam a bandeira, ouviam o hino e olhavam para mim como uma atleta portuguesa. Fui acarinhada por toda a gente.

O clube teve um papel importante nesta conquista?
Claro que sim. Se não tivesse vindo para o FC Porto não teria as mesmas condições. Estive 20 anos no clube, quase todas as medalhas que tenho foram conquistadas quando estava no FC Porto e o clube foi sempre muito importante para mim. É um orgulho dizer que sou a primeira campeã olímpica do FC Porto. Vou ficar para sempre na história do clube.

Como reagiu ao ver que estava na capa da DRAGÕES?
Na altura não tive a oportunidade de ver todas as capas, porque saíram muitos jornais e revistas, mas houve algumas notícias que me deixaram muito contente. Em 1996 senti que me deram o valor que eu merecia. Muitas vezes somos campeões e aparecemos num quadradinho pequenino na imprensa, mas nesse ano senti que me deram o valor que eu tinha. Ver que o meu clube me pôs na primeira página e disse que eu era a rainha do mundo é excelente.

Em 1999 teve um ano menos bom, mas ainda conseguiu recuperar a tempo de conquistar o bronze em Sydney. Soube a ouro?
Foi um ano muito mau. Estava em boa forma, fui ao Campeonato do Mundo e não consegui correr. Naquele momento não consegui descobrir o motivo, porque não foi pela lesão. Lembro-me de vir para Portugal e de ficar sete dias sem sair de casa com vergonha. Deitei os sapatos de bicos fora e disse que nunca mais queria correr. Os meus colegas foram a minha casa e disseram-me que estava tudo bem. Voltei ao atletismo, mas não acreditava em mim. Sempre adorei competir, mas sentia medo da competição. Comecei a fazer testes na pista com os meus colegas a puxar por mim e fui aos Jogos Olímpicos. Correu tudo mal, fiquei doente e o meu treinador sugeriu que fizéssemos uma conferência de imprensa para informar que não ia competir, mas antes disso deu-me um conselho e eu decidi ir para a





PALMARÉS

Jogos Olímpicos
Atlanta 1996: Ouro nos 10.000m
Sydney 2000: Bronze nos 10.000m

Campeonato do Mundo
Gotemburgo 1995: Ouro nos 10.000m e Prata nos 5.000m
Atenas 1997: Prata nos 10.000m e Bronze nos 5.000m

Mundial de Pista Coberta
Paris 1997: Bronze nos 3.000m

Campeonato da Europa
Helsínquia 1994: Ouro nos 10.000m
Budapeste 1998: Prata nos 10.000m

Europeu de Pista Coberta
Paris 1994: Ouro nos 3.000m
Estocolmo 1996: Ouro nos 3.000m
Valência 1998: Prata nos 3.000m

Outros títulos
Campeonatos Ibero-americanos:
Manaus 1990: Bronze nos 3.000m
Rio de Janeiro 2000: Ouro nos 5.000m
Huelva 2004: Ouro nos 10.000m

Jogos da Lusofonia
Macau 2006: Prata na meia-maratona

Campeonato Europeu de Equipas
Bergen 2010: 5.000m

Campeonato Nacional
5x campeã nos 1.500m (1989, 1990, 1995, 1998 e 1999)
3x campeã nos 5.000m (2000, 2002 e 2004)
3x campeã nos 10.000m (1992, 1996 e 2008)
1x campeã de maratona (2009)
1x campeã de corta-mato (2003)

“Era a única campeã olímpica do clube. Sei que faço parte da história do FC Porto, mas nessa altura tinha o carinho do país todo. Acho que os portugueses já nem olhavam para mim como uma atleta do FC Porto, porque viam a bandeira, ouviam o hino e olhavam para mim como uma atleta portuguesa. Fui acarinhada por toda a gente.”

aldeia olímpica. Comecei a ganhar mais confiança lá e a meia-final correu-me bem. Antes da final ainda pedi uma opinião à Manuela Machado e à Ana Dias e elas disseram-me que era muito complicado, especialmente por eu não estar muito bem psicologicamente. Aconselharam-me a não levar o fato de cerimónia para não sentir tanta pressão e prometeram que o iam buscar se eu precisasse de o vestir. E tiveram mesmo de ir, porque ganhei o bronze. Tenho quase a certeza de que perdi a prata por falta de confiança. Talvez até o ouro, mas depois de um ano tão mau senti que aquele bronze era ouro.

Abandonar a competição em 2012 foi uma decisão difícil?
Terminei a carreira por lesão, fiz uma fratura no dedo do pé e ainda corri assim durante um ano, mas depois abandonei. Disseram-me que nunca mais ia correr ou caminhar, mas hoje só não faço competição porque não quero. Sinto que já fiz o que tinha a fazer, mas se quisesse ainda podia competir. Participar em provas não é igual a competir. Ainda faço a Corrida do Dragão, mas não encaro aquilo como uma competição, é apenas a corrida do clube que representei durante 20 anos.

Ainda se emociona quando vê a cerimónia de abertura dos Jogos Olímpicos?
Na altura dos Jogos eu paro e vejo todas as modalidades, seja de manhã ou à noite. Os Jogos são o sonho de qualquer atleta, mesmo que venham embora sem medalhas. Só o facto de estar presente é um sonho. As pessoas muitas vezes não entendem isso. São tão poucos os atletas que estão lá, por isso sabemos que temos de ser excelentes.

Com 55 anos e 13 anos depois de ter terminado a carreira, qual é o papel da corrida na sua vida?
Continuo ligada ao atletismo. Tenho uma academia na Maia e continuo a ir às escolas e a assistir às competições. Vou estar sempre ligada à modalidade.

E o do FC Porto?
Gostava que o FC Porto voltasse a ter atletismo, acho que merecemos isso. Todos os atletas que lá estiveram deram tudo pelo clube. Era bom voltar a ter a modalidade. Fui campeã olímpica e tivemos tantos campeões nacionais… Gostava mesmo que o FC Porto voltasse a ter uma equipa de atletismo.

A DRAGÕES E A EUR

Novara recebeu a primeira conquista europeia da DRAGÕES, conseguida pela formação de hóquei em patins do FC Porto. Pelas memórias de Vítor Hugo e Franklim Pais, conhecemos o ambiente difícil vivido em Itália e o momento do troféu erguido no balneário, já depois de terem derrotado o Barcelona pelo caminho.

TEXTO de **SÉRGIO VELHOTE**



ROPA SOBRE PATINS



VITÓRIA AO QUADRADO

Na temporada de 1985/86 a equipa de hóquei em patins, não só se tornou campeã europeia, como venceu o campeonato, a Taça de Portugal e a Supertaça, um feito repetido em 1990. "Foi o meu primeiro ano de conquistas no FC Porto que me lançou para este percurso único que vivo até hoje no nosso clube", explicou Franklim Pais, a figura que mais títulos venceu no hóquei em patins do FC Porto em diferentes funções. Já Vítor Hugo compara estes feitos a outros conseguidos pelo Sporting. "Por isso é que insisto que fomos melhores e digo-lhes: 'Vocês ganharam tudo, mas nós fizemos por duas vezes'. Por vezes a informação demora a chegar lá em baixo, são muito seletivos", observou.

A 28 de junho de 1986 o FC Porto sagrava-se campeão europeu pela primeira vez, um feito alcançado em Itália e sobre patins. A edição 16 da DRAGÕES teve como tema de capa esta conquista, a qual está bem guardada entre as memórias de Franklim Pais e de Vítor Hugo, duas das figuras da época.
"É fantástico termos a possibilidade de recordar um dos nossos maiores feitos graças à DRAGÕES. Com muita pena minha, não tenho muitos vídeos dos nossos jogos e dos meus golos na década de 80", afirmou o goleador azul e branco, que marcou cinco dos doze conseguidos na final a duas mãos com o Novara. Vítor Hugo abordou essa conquista como uma das mais especiais da carreira. "Foi uma alegria imensa", admitiu.
Antes de viajarmos até esse encontro, é preciso lembrar que o FC Porto eliminou o Barcelona nas meias-finais, equipa que vinha de oito conquistas europeias consecutivas. "Muitas vezes eliminou o FC Porto nesses percursos, por isso, era importante ultrapassá-los", começou por dizer Franklim, que na altura dividia a baliza com Domingos Guimarães.
Depois de um empate na Catalunha, a vitória no Pavilhão Américo de Sá foi decisiva. "Nem me lembro como descemos as escadas do pavilhão, com o público a gritar por nós e a incentivar, quase que levitávamos até ao rinque. Era uma força enorme e sentíamos uma energia brutal naquele pavilhão. Oito ou nove mil pessoas em todos os jogos, por vezes até havia quatro pessoas para um lugar", sublinhou Vítor Hugo.
Foi nas Antas que o FC Porto garantiu a primeira vantagem na final, ao derrotar o Novara por 5-3. Contudo, a vantagem de dois golos não trazia garantias para a segunda mão, como explica Franklim. "Acho que o fator casa era muito importante, tal como é agora. A vantagem era curta e sabíamos que o ambiente seria muito hostil. Também por isso ficamos hospedados a 100 quilómetros do pavilhão". Entre "o nervosismo normal" e o facto de se ter "esquecido do peitilho no hotel", Franklim estava disposto a jogar sem proteção, mas o treinador Cristiano Pereira optou por fazê-lo sentar no banco. Quem foi titular foi Vítor Hugo. "Sem

colocar em causa os restantes jogadores da nossa equipa, acho que o Domingos Carvalho e o Realista tiveram uma importância enorme nessa segunda parte para continuarmos a acreditar", uma vez que o golo solitário do avançado não servia para garantir o título. A desvantagem de 5-1 ao intervalo "não assustou", porque a equipa sabia que só estava "a perder por 2-0". "O presidente Jorge Nuno Pinto da Costa acompanhou-nos e disse algumas coisas no balneário, tal como o treinador. Regressámos ao rinque com o pensamento de marcar um de cada vez e acreditar. A segunda parte foi nossa", esclareceu Franklim Pais. Uma remontada de 5-1 para 5-7 em pouco mais de 20 minutos fez do FC Porto campeão europeu numa partida que nem chegou ao fim. "Começaram a atirar objetos para o recinto de jogo e tornou-se impossível. Voava papel higiénico, latas, tudo o que tinham à mão. Só recebemos a taça no balneário", erguida pelo capitão António Vale. "Já estávamos vacinados", conta Vítor Hugo. "Quer seja em casa do Benfica ou do Sporting ou mesmo em Oliveira de Azeméis e em São João da Madeira, já sentíamos esse tipo de ambientes".

"Ao longo destes anos, tivemos sempre a segunda mão das finais fora de casa. A história de atirar a moeda ao ar e os 50% de probabilidades nunca nos favoreceram. Foi contra tudo e contra todos" e contra os adeptos do Novara também. A festa prolongou-se pela noite dentro e só terminou na chegada à cidade Invicta. O FC Porto tornava-se senhor da europa sobre patins... Com as chuteiras calçadas só 333 dias depois, em Viena.



Vítor Bruno



Franklim Pais



NO BALNEÁRIO DE PEDROTO

Às segundas-feiras e com a permissão de José Maria Pedroto, o plantel de hóquei em patins partilhava o balneário com a equipa de futebol. "Privávamos com os craques do futebol, respirávamos aquela realidade", explicou Vítor Hugo, que brincou sobre as conquistas europeias. "Costumava dizer que foi preciso ganharmos primeiro para a equipa de futebol se sagrar campeã da Europa em 1987. Partilhava o fascínio pelo golo com o Fernando Gomes, que dizia que marcar era como se fosse um orgasmo. Eu senti-a o mesmo", confessou.

DE NOVARA ATÉ VIANA

Franklim Pais tem a particularidade de ter vencido as três Ligas dos Campeões conquistadas pelo FC Porto. Se em Novara esteve no banco, em 1990 derrotou o Noia como titular, numa final também a duas mãos e celebrada na Catalunha. Depois de várias perdidas, tanto como guarda-redes como na qualidade de treinador, Franklim voltou a celebrar em 2023, em Viana do Castelo, a conquista do principal troféu europeu da modalidade, agora como "team manager" dos Dragões.



FC PORTO 5 • 3 NOVARA

1.ª MÃO DA FINAL
DA TAÇA DOS CAMPEÕES EUROPEUS

21 de junho de 1986

Golos: Vítor Hugo (3) e Vítor Bruno (2)



NOVARA 5 • 7 FC PORTO

2.ª MÃO DA FINAL
DA TAÇA DOS CAMPEÕES EUROPEUS

28 de junho de 1986

Golos: Realista (3), Vítor Hugo (2), Domingos Carvalho e António Alves



Equipa CAMPEÃ EUROPEIA

Domingos Guimarães (g.r.)
Franklim Pais (g.r.)
António Alves
António Vale
Carlos Realista
Domingos Carvalho
Luís Almas
Tó Neves
Vítor Bruno
Vítor Hugo

•

Treinador
Cristiano Pereira





"A DRAGÕES é paixão impressa"

Para Alberto Babo, antigo jogador e treinador do FC Porto, "quem ama o FC Porto não passa sem a Dragões", Paulo Cunha, hoje "team manager", fala de "uma janela mensal para a história" e Miguel Queiroz sublinha o processo de eternização de conquistas e atletas, mas a melhor definição é servida por Fernando Sá, que compara a revista a uma tatuagem que não se pode remover.

TEXTO de **BRUNO LEITE**

Fernando Sá:
"Como ex-atleta e atual treinador de basquetebol do FC Porto, cresci com esta revista nas mãos, não só como leitor, mas como parte viva das histórias que ela conta."



__Paulo Cunha__ acredita que a DRAGÕES "sempre foi uma janela mensal para a história e para as conquistas do clube", além de ser "um arquivo vivo que eterniza tudo o que envolve o FC Porto".

Alberto Babo, outrora atleta e treinador do basquetebol portista, regressou ao clube aquando da eleição de André Villas-Boas para a presidência e é atualmente vogal da Direção. "Como portista, sócio desde muito jovem, o número 1.179, acompanhei desde sempre a vida do meu clube através da revista Dragões. A informação nessa altura era escassa, pouco se sabia sobre a vida do clube e sobre o seu passado. O jornal O Porto era o órgão que nos informava sobre o que se passava no clube, no futebol, nas modalidades, etc. Como jogador, guardava religiosamente o jornal e os seus artigos para memória futura. Mais tarde, em 1985, já lá vão 40 anos, apareceu a revista Dragões. E que coisa linda. Traz-nos curiosidades sobre a história do clube, entrevistas e dá-nos a conhecer os profissionais. Temos que valorizar os profissionais que durante estas décadas têm mantido a revista como uma referência para todos os portistas", começa por dizer-nos Alberto Babo, que acredita que "quem ama o FC Porto não passa sem a Dragões". "Presidentes, dirigentes, treinadores, atletas, funcionários, etc. Todos eles escreveram e continuam a escrever a história do clube a letras douradas e está tudo eternizado na revista Dragões. Um bem-haja à Dragões e venham mais 40 anos", finaliza o Professor. Entre os muitos ex-basquetebolistas do FC Porto que foram treinados por Alberto Babo está Paulo Cunha, o atual "team manager" da equipa comandada por Fernando Sá. "Sendo alguém que nasceu em 1980, praticamente cresci





Miguel Queiroz:
"A revista mostra a grandiosidade do clube, dá espaço aos atletas para contarem a sua história e eterniza as grandes conquistas".

Alberto Babo:
"Mais tarde, em 1985, já lá vão 40 anos, apareceu a revista DRAGÕES. E que coisa linda. Traz-nos curiosidades sobre a história do clube, entrevistas e dá-nos a conhecer os profissionais."

lado a lado com a revista", revela o antigo extremo, para quem a publicação se tornou uma "companheira" na forma como vive o FC Porto.

Paulo Cunha acredita que a DRAGÕES "sempre foi uma janela mensal para a história e para as conquistas do clube", além de ser "um arquivo vivo que eterniza tudo o que envolve o FC Porto". "Muitos parabéns à Dragões e que continue a ser um motivo de orgulho para todos os portistas", acrescenta o internacional português, que chegou a partilhar o balneário com Fernando Sá.

"A revista Dragões representa muito mais do que uma simples publicação para mim. Como ex-atleta e atual treinador de basquetebol do FC Porto, cresci com esta revista nas mãos, não só como leitor, mas como parte viva das histórias que ela conta. É ali que se eternizam momentos, vitórias, rostos e emoções que fazem parte da identidade portista. A Dragões é memória viva, é legado, é paixão impressa. É onde me revejo, como atleta, como treinador, como portista. E continuará a ser um símbolo da nossa história, contada mês após mês com orgulho e verdade", diz-nos o técnico que há bem pouco tempo renovou até 2027.

Uma das extensões do treinador dentro de campo é Miguel Queiroz, um atleta de eleição que dispensa apresentações e que cumpre tão-somente a 12.ª temporada consecutiva no FC Porto. Para o capitão azul e branco, a DRAGÕES representa "40 anos de muitas histórias contadas e de grandes vitórias documentadas", pois afinal de contas, a revista "mostra a grandiosidade do clube, dá espaço aos atletas para contarem a sua história e eterniza as grandes conquistas". "Obrigado e venham mais 40", acrescenta o camisola 11.



O sonho europeu tornado realidade

TEXTO de **PEDRO DINIZ**

40 anos, 31 títulos e uma ascensão meteórica que resultou numa hegemonia a nível nacional e uma demonstração de força exemplar na Europa. O andebol do FC Porto foi pioneiro a nível mundial, derrotou gigantes, criou lendas e deu, sobretudo, muitas alegrias aos adeptos que viveram noites mágicas no Dragão Arena. Hugo Laurentino, Rui Silva, Fábio Magalhães e Daymaro Salina ajudam a contar a história.


CHEFS*CULINAR
WIR LIEFERN INSPIRATION
CHEFS*CULINAR
cashback world
SALMING
Der Platz für Freudensprünge.



A DRAGÕES nasceu na reta final da época de 1984/85, período em que o Belenenses se sagrou campeão nacional pela quarta vez e conquistou um dos últimos títulos de uma hegemonia dos clubes de Lisboa que durou 18 anos. Em 1986/87, o ABC viria a afirmar-se ao chegar ao topo do pódio pela primeira vez e ao dar início a uma sequência impressionante de dez troféus em 14 anos. Com o virar do século, o FC Porto assumiu maior protagonismo e, com o tricampeonato conquistado entre 2001 e 2004, iniciou um período fértil em triunfos que ganharia ainda mais expressão a partir de 2008. Acompanhado por estrelas como Carlos Martingo, Filipe Mota, Ricardo Moreira, Álvaro Rodrigues, Manuel Arezes e Eduardo Filipe e ainda por outros jovens como Wilson Davyes, Tiago Rocha ou Gilberto Duarte, Hugo Laurentino viveu "o ano de afirmação" na baliza portista e ajudou a erguer "um dos títulos mais marcantes da carreira" - o terceiro do palmarés pessoal e o primeiro como escolha habitual. Assim se iniciou um percurso inédito em Portugal, a caminhada para o famoso heptacampeonato que "teve vários sabores diferentes" e foi o "grande feito da carreira desportiva" do icónico guardião. A Liga mudou de formato no ano seguinte, passou a ser em "campeonato corrido", mas a emoção vivida anteriormente nos play-offs não desapareceu. Depois de registarem 19 vitórias, um empate e duas derrotas na fase regular, os campeões até entrariam com o pé esquerdo na fase final, em Belém, mas uma segunda volta fenomenal, culminada com um triunfo por 29-31 em Alvalade, resultaria no "Bi". Em 2010/11, já com o eterno Alfredo Quintana no plantel, o "Tri" viria a surgir com a naturalidade que se impunha a um plantel europeu que havia atingido os oitavos de final da



"Depois de ganharmos ao Magdeburgo, sentimos que podíamos derrotar qualquer equipa", lembra Daymaro Salina.

Taça EHF, tal como sucederia no ano seguinte com a festa do "Tetra".
"O Penta e o Hexa são dois jogos excelentes decididos aqui no Dragão", lembra e bem Laurentino, que brilhou nos dois clássicos com o Benfica que garantiram a sequência da caminhada histórica. "No primeiro, bastava-nos ganhar ao Benfica em casa e consegui o meu recorde, parei cerca de 65% dos remates nesse jogo e vencemos por 26-23, foi algo quase impossível de repetir", detalha quem voltou a ser protagonista no ano seguinte: "Em mais um jogo com o Benfica, tínhamos de ganhar por mais de três golos para sermos campeões e vencemos por cinco golos, 24-19. Foi um dos melhores jogos de que me recordo, consegui 50% de eficácia. São jogos que ficam sempre na memória".
O ciclo viria a terminar com um inédito sétimo título nacional consecutivo, mas sem o contributo da grande referência das balizas na hora das decisões. De fora após ter levado "uma bolada na vista" que o afastou "durante uns meses", o agora "team manager" da equipa viveu de "forma agridoce", mas "especial" a conquista do feito de uma vida para o qual contribuiu integralmente ao lado de Ricardo Moreira e Gilberto Duarte.
Após três anos de menor rendimento,

Magnus Andersson chegou ao Dragão para revolucionar o andebol portista, nacional e mundial. Antiga glória da Suécia e com um extenso e valioso currículo enquanto jogador e treinador, o nórdico que havia levado o Göppingen à conquista das duas anteriores edições da Taça EHF trouxe o sete contra seis, uma tática emergente na modalidade que contrariou o poderio dos maiores gigantes do globo. "O Magnus, desde que chegou, disse que estava a começar a aparecer o sete contra seis e falou dessa possibilidade. Sempre mencionou que não gostava muito, mas que teríamos que ter essa hipótese. Houve um jogo com o CSKA Sofia, eles estavam com uma defesa mais agressiva, decidimos experimentar e correu bastante bem", lembra Fábio Magalhães.

Para Rui Silva, foi o encaixe perfeito: "Tínhamos jogadores predestinados para fazer esse tipo de jogo devido à sua formação. É o meu caso e o do Fábio. Viemos de clubes em que aprendemos a tomar decisões e depois, com as rotinas que fomos criando, tanto com o Miguel [Martins], como com os pivôs ou com os pontas, tudo encaixou. As peças estavam no lugar certo e tanto lá estava eu como de seguida podia estar o Miguel [Martins] e a verdade é que as coisas continuavam a dar resultado e isso também mostrava toda a qualidade que nós tínhamos".

O modelo constituiu-se como uma arma poderosa para fazer história. Ultrapassados o Potaissa Turda, da Roménia, e o SKA Minsk, da Bielorrússia, nas duas primeiras fases de qualificação, a entrada na segunda melhor competição europeia de clubes dependia de uma vitória contra o Magdeburgo, um adversário que era visto como "praticamente impossível de derrotar", ocupava o primeiro lugar do exigente campeonato alemão e viria mesmo a sagrar-se campeão europeu em 2024. "Lembro-me que antes da eliminatória começar sabíamos que era praticamente impossível passar, porque falávamos de uma das equipas em melhor forma no mundo", refere o central antes de recordar a primeira batalha na Alemanha: "Tivemos uma fase com



Hugo Laurentino, Ricardo Moreira e Gilberto Duarte: os três heptacampeões do FC Porto

menos golos no jogo, em que eles estavam a ganhar por seis ou sete, mas depois conseguimos recuperar o jogo através da utilização do sete contra seis".

Com uma derrota por 26-23 na GETEC Arena, as decisões seguiam para o Dragão, palco de um jogo "épico por essa remontada e pela exibição que a equipa toda fez", o "início de uma grande jornada e de uma grande geração de jogadores que fez algo inédito e muito bom pelo FC Porto": "Chegámos a uma altura que estávamos a ganhar por dez". "Foi completamente surreal. Na altura tínhamos na equipa o Djibril e lembro-me que, depois dos jogos, ele nos



Rui Silva: “Tínhamos jogadores predestinados para fazer esse tipo de jogo [sete contra seis] devido à sua formação. É o meu caso e o do Fábio [Magalhães]. Viemos de clubes em que aprendemos a tomar decisões e depois, com as rotinas que fomos criando, tanto com o Miguel [Martins], como com os pivôs ou com os pontas, tudo encaixou”.

relatou que na Alemanha estava toda a gente surpreendida, que tínhamos conseguido algo extraordinário. Foi um jogo incrível e, a partir daí, ganhámos uma confiança e conseguimos enfrentar as outras equipas da Europa com uma mentalidade diferente”, sublinha Fábio Magalhães enquanto Daymaro Salina dá contexto: “Foi um ano meio estranho porque vínhamos de uma época anterior que havia corrido muito mal e nessa estávamos com muita vontade de recuperar tudo”.

A mentalidade inevitavelmente mudou e a confiança cresceu exponencialmente. “Depois de ganharmos ao Magdeburgo, sentimos que podíamos derrotar qualquer equipa e assim foi: na fase de grupos vencemos os jogos todos e, como estávamos tão confiantes, quando nos saiu o Saint-Raphaël acreditámos que poderíamos seguir em frente também”, destaca o agora capitão. “Jogávamos contra grandes jogadores, contra grandes equipas, mas nós também fomos tendo a perceção de que éramos grandes jogadores”, resume na perfeição Rui Silva, que liderou o percurso do coletivo azul e branco dentro de campo rumo à Sparkassen Arena, um templo do andebol mundial em que se viveram dias inigualáveis e enriquecedores. Fábio relata “um ambiente incrível com adeptos que mesmo depois dos jogos apoiavam imenso” e Daymaro, com um sorriso no rosto, dá conta do “muito carinho de todos os adeptos alemães”. “Toda a gente gostava de nós. Isso deve-se à maneira como nós jogávamos. Dávamos espetáculo. O mais engraçado foi que o Thomas Bauer até ganhou um prémio dos fãs de jogador mais interativo”, recorda Laurentino. Contra um gigante mundial de nome Füchse Berlin, o sonho terminou com “diferenças reduzidas” (24-20), mas o último lugar do pódio não fugiu. No terceiro jogo contra o Holstebro, os Dragões saíram com o terceiro triunfo, dessa feita por 28-26. “A realidade é que nos batemos. É óbvio que depois do nosso percurso e de tudo aquilo que fizemos, ambicionávamos e sonhávamos em poder ganhar, entrámos na competição para isso mesmo, mas também foi provavelmente a primeira experiência que muitos de nós tivemos a um nível tão alto e essa presença no pavilhão acabou por nos deixar deslumbrados”, admite Rui Silva. O salto “quase impensável” para as bocas do mundo “foi um mote para as equipas portuguesas começarem a acreditar e a fazer cada vez melhor” e o “realizar dos sonhos” do pivô luso-cubano, para quem apenas ficou a faltar “chegar à final”, mas “ainda há tempo para o conseguir”. Para o “team manager” fica o orgulho eterno de o FC Porto “ter sido a primeira equipa portuguesa a jogar uma final four da EHF”. “Abrimos as portas ao andebol português e fizemos com que começasse a ser olhado de outra forma, mesmo ao Benfica e ao Sporting, que viram a possibilidade de lá chegarem também. Tornámos o sonho europeu realidade”, conclui.

FC PORTO
PARTNERSCLUB

DE VENCEDOR PARA VENCEDORES
FROM WINNER TO WINNERS

FUTEBOL CLUBE DO PORTO

invictos de coração

· CIDADE | CLUBE ·

1893

MAIN

SUPER BOCK
new balance
revigres
Betano

PREMIUM

PEDRAS
AMORIM
bankinter
BINANCE
clínicas espregueira
Coca-Cola TASTE THE FEELING
DERICHEBOURG Facility Services
YES•ZEE
FERPINTA
FIDELIDADE
Gestifute
ibersol grupo
eniwise
Panike
REPSOL
SOFARMA
SOLVERDE
sport tv
sword
Vitalis
MSP MANUEL DOS SANTOS PEREIRA
flex2ooo
flexpur
Jolera
GRUPO PROGRARO

BUSINESS

McDonald's Gaia
MEIVCORE GROUP
SECURNET
BONDLAIR CONCEPT STORE
3S-TECH
CHAVE NOVA
DELTA
condelix
DIATOSTA
DESFO
earth consulters
DS Smith
fun addict
LUXURY DOURO
GAP
UVPLAST
meireles
gertal
Itau
Laxton
GLASSDRIVE
DOMINO
DOURO
MOZANTECH
MDS
Nasamotor S.A.
DOMATAPALO
CORDEX
enat
Proprietários do Campo da Constituição
RP
Rapel
Realvitur
RECHEIO
RETAIL MIND GROUP
SOJA DE PORTUGAL
Simoldes
SMART FAN
SOMA GROUP
Tomaz do Douro
up K
valpi
vodafone
zumub
1SA GROUP
AMP
atb
ATM
Salvador Caetano
APM
EMPRIL
etiquel
Sogenave
kuanto kusta
LUDEFER
Mapril
LUXURY DOURO
SINAL MAIS
Smurfit Westrock
EXTRA
medway
hexagroup
euromex
CIMPOR
forvis mazars
motorbus
Portulo
EA SPORTS
GLACIER
WATERFALL
FLOSEL
J. C. Ribeiro
DESAFIO GLOBAL
greengrey group
P1 TRAVEL
Live Soccer



40 anos ao alcance de todos

Vitrina do Objeto do Mês de abril reservada para assinalar o aniversário da DRAGÕES

TEXTOS e FOTOS:
MUSEU FC PORTO

O Museu Futebol Clube do Porto reservou a vitrina do Objeto do Mês para assinalar os 40 anos da DRAGÕES. Assim, abril trouxe a oportunidade de revisitar ou descobrir um medalhão criado em 1993 para comemorar a 100.ª edição da revista e, ao mesmo tempo, associar-se ao Centenário do FC Porto, celebrado nesse ano. Produzido em edição limitada, o medalhão Dragões 100 tem assinatura de Hélder Bandarra, do artista plástico intimamente ligado ao projeto da DRAGÕES. Selecionado nas Reservas ou no Arquivo do Museu FC Porto para ser descoberto no Hall do Museu (área de circulação livre), em www.museufcporto.pt, na aplicação FC Porto Museu & Tour ou na FC Porto TV, o Objeto do Mês coloca a história ainda mais ao alcance de todos. E desta vez, como uma espécie de presente para todos os leitores, também através das páginas da revista oficial do clube!

Medalhão Dragões 100 – 1993
Coleção Museu FC Porto
Doação de Abílio Norte

A DRAGÕES foi publicada pela primeira vez no dia 25 de abril de 1985, mas este medalhão assinala outro marco histórico na vida da revista oficial do FC Porto. O 100.º número da Dragões foi publicado em julho de 1993, o mesmo do ano em que o clube completou 100 anos. Essa coincidência inspirou a edição de 500 medalhões, à qual este exemplar também pertence.


dragões

A REVISTA VEM AÍ!

ÚLTIMA PÁGINA

AS CAPAS DA NOSSA HISTÓRIA

Em 40 anos, a DRAGÕES acumula mais de 460 números mensais publicados e algumas edições especiais. O lançamento da revista realizou um desejo e uma promessa eleitoral de Jorge Nuno Pinto da Costa, o eterno Presidente dos Presidentes. À data, a DRAGÕES ajudou a modernizar a comunicação com os Sócios e os adeptos do clube e inovou com várias páginas a cores em cada edição. Os planos a preto e branco que ainda iam sendo publicados desapareceram de vez no n.º 16. Sempre em linha com a evolução, a DRAGÕES também existe em formato digital desde janeiro de 2017, contribuindo para um FC Porto ainda mais sustentável.


MEDALHA COMEMORATIVA DO N.º 100

O Departamento Editorial do F.C.P. não quis deixar passar em claro uma curiosa coincidência relacionada com a Revista Dragões. Com esta edição – no ano do centenário do clube – atingimos o número 100.

É um número mágico, que será assinalado com a edição de uma medalha comemorativa com 500 exemplares numerados. Os leitores da Dragões não vão deixar de apoiar esta iniciativa. Os contactos e esclarecimentos suplementares podem ser obtidos através dos Serviços Administrativos do Departamento Editorial.

GRANDE GALERIA

Hélder Bandarra assina o medalhão Dragões 100. O artista plástico português foi responsável pela orientação gráfica da DRAGÕES durante anos e logo a partir do início da revista, associando-se dessa forma à ampla pegada artística no universo azul e branco, uma grande galeria onde cabem criações exclusivas para o FC Porto de Júlio Resende, Joana Vasconcelos, Alberto Carneiro, Rigo 23, Gémeo Luís, Mr. Dheo e Hazul Luzah, sem esquecer o arquiteto Manuel Salgado, criador do Estádio do Dragão e do Dragão Arena.

FC PORTO PARTNERSCLUB

DE VENCEDOR PARA VENCEDORES
FROM WINNER TO WINNERS

EXECUTIVE

FUTEBOL CLUBE DO PORTO

invictos de coração

CIDADE | CLUBE

1893

KOMPETENT · LAGE&SA · LBM · FinTrU · LEDVANCE · LÉLEMAN · Lenovo · LusoRacks · M.CUNHA · July 5th · MANU

MAPEI · MARTIFER · GOLD IMÓVEIS · MERCAN PROPERTIES · Metauto · metro numbers · Microcrete · FINIECO · mkt trade · MoCabel · Montepio · SUZUKI MOTORLIFE

brand store · Suits Inc · vending · Nasamotor · NATCAL · new energie · noxae · OENO-TECH · SOC SONS OF A COBBLER · STATUS PRIVILEGE · PAMEL TRONIC

PCR · P&A · PIEDADE · ConstruGomes Engenharia · playnxt · PLW · prio · ProEleven · QUINTAS DE SEIA · RAMADA

RANCILIO GROUP · Rangel · R3T · REALDESARK · RED · REICOL · RE/MAX ADVANCED · RERUM · GRUPO RNM

ROMAFE · RUBIS GÁS · M.CAETANO · SAMANTHA & MARTINS · SANIBOX · SEER · SV · Sidónios · SIGLA · sisint · TUBEMBAL

SÓVIRAS · ALBALONGA · teaga · TEAM FUTURE · TS · TENDA MÍSTICA · trackdream · TSL · GRUPO PS · SARDÃO TRANSPORTES · TREINO PARQUE · TRIPITROPA

TRIVGLASS · TA TRANSPORTES · Trueyellow · URBAN BATHROOM, LDA · VAPO · VARZIELA · VIGENT · TIFFOSI · warpcom · WASI · WEEKEND TARGET

MF · Danitâmega · GRUPO OSCACER · PC ENGENHARIA · RENT-Mi · CASTELLAR · GLOBAL SPORTS · LUÍS FILIPE PINTO · ROSC

PLANETA PUBLICIDADE · Santos Barbosa · REOL · ALLCOVER · truefeeling · DOUROLABS · 25 BARMONTA · STEELSKY construções · ESPOFER · PAVIFER · FLORGRADE

S-O-S · PRIMEUNIVERSO · PINTO & NETO · INFORMA · PRIMAVERA CATERING · vexia · pre zero



5 603128 111129 04